

Mario de Andrade

*PAULICEA
DESVAIRADA*

52,17

A
Machado Bandeira
a acrescentando neste
recurso de 1933, o poema
marxista que omiti na
edição:

Cantiga Tímida

Paródia Despairada

Eu sou louco ~~mais~~ orgulho louco
e sou louco ~~mais~~ varrido
mas a certeza de ser mais um pouco
mais louco que todos os loucos!

Eu me importo ai os outros loucos
se chamam o João Louco Varrido?
Sou mais varrido que os outros
ou mais limpo e sou mais rico.

Eu sou mais rico e ~~mais~~ espavorido
na por minha vida sou mais
louco!

Eu sou mais limpo a clava pinco a

Bate sobre mim e tira um som mais longo

na me importa que me chamem louco,
louco mais louco que os outros,
louco varrido?

Si sou mais varrido que os outros
Sou mais limpo e sou mais ~~loco~~.

Si sou mais limpo o badalo dos meus
Tirio
Batem em mim tirando um som mais
longo!

Si sou mais toco as fillas do destino
Piem por mim tirando um som mais
longo!

Meu é louco não canta versos roucos,
Suas ideas têm o gemido
Mais simples e mais natural.
Eu sou o mais louco dos loucos,
louco entre loucos, sou Parrifal.

Y. de Quadra
S. Paulo

PAULICEA DESVAIRADA

por

Mario de Andrade

Dezembro de 1920

a

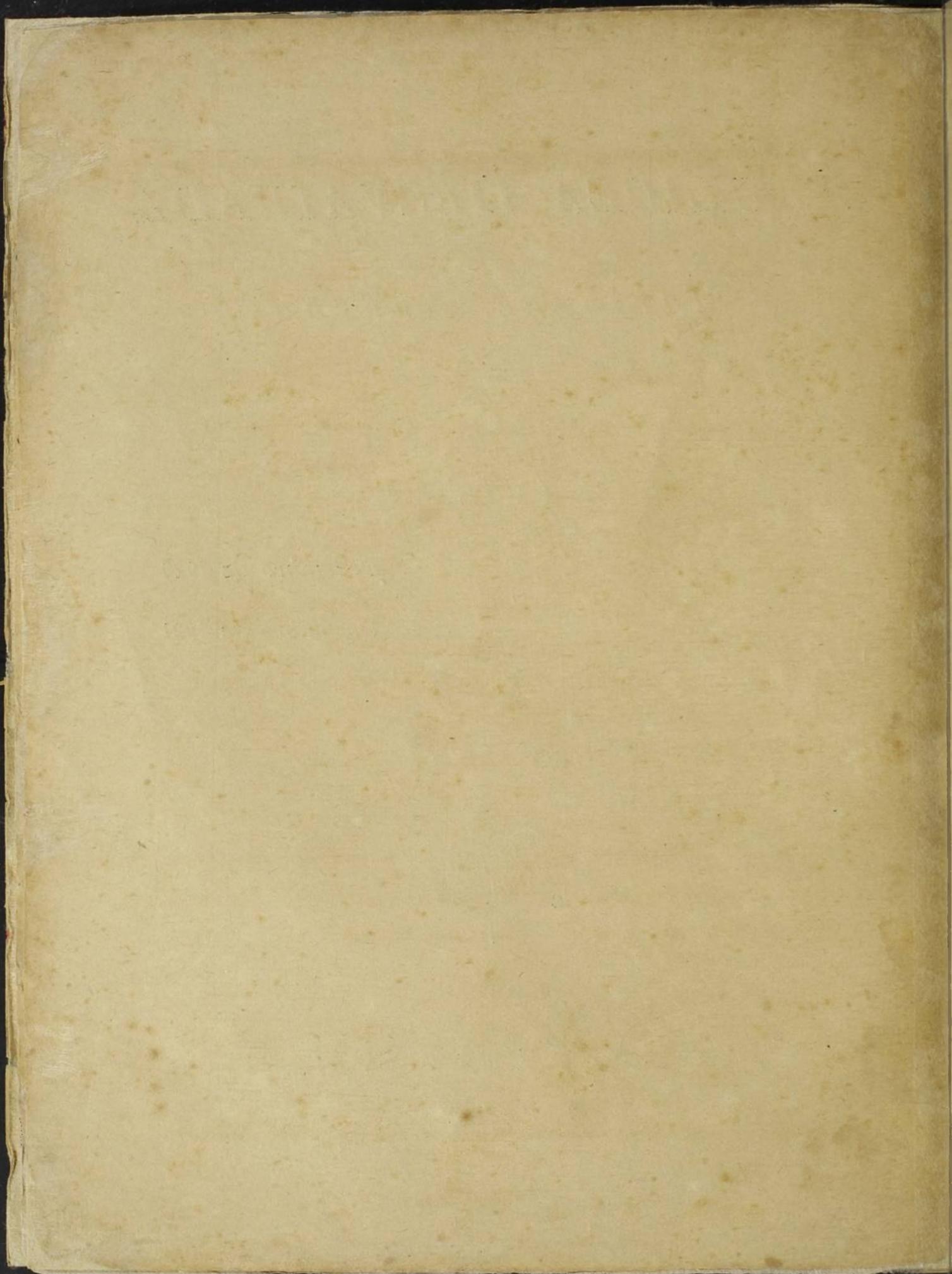
Dezembro de 1921



1922

CASA MAYENÇA

S. PAULO



A MARIO DE ANDRADE

Mestre querido.

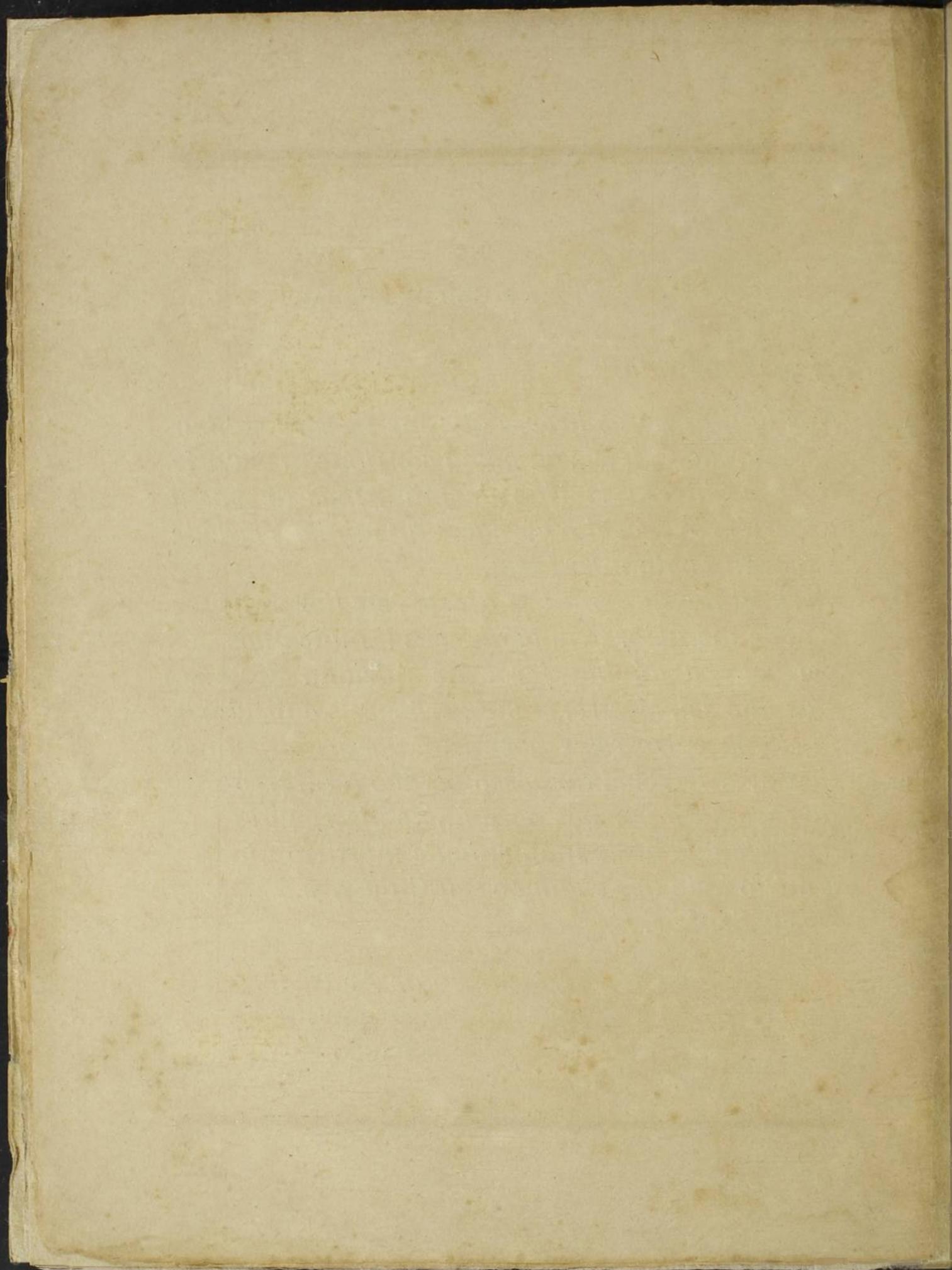
Nas muitas horas breves que me fizestes ganhar a vosso lado dizieis da vossa confiança pela arte livre e sincera... Não de mim, mas de vossa experiência recebi a coragem da minha Verdade e o orgulho do meu Ideal.

Permiti-me que ora vos oferte êste livro que de vós me veio. Prouvera Deus! nunca vos perturbe a dúvida feroz de Adriano Sixte... Mas não sei, Mestre, si me perdoareis a distância mediada entre êstes poemas e vossas altíssimas lições... Recebi no vosso perdão o esforço do escolhido por vós para único discípulo; daquele que nêste momento de martírio muito a medo inda vos chama o seu Guia, o seu Mestre, o seu Senhor.

Mario de Andrade

14 de DEZEMBRO de 1921

S. PAULO



Prefácio Interessantíssimo

« Dans mon pays de fiel et d'or j'en suis la loi ».

E. VERHAEREN

Leitor:

Está fundado o Desvairismo.

”

Este prefácio, apesar de interessante, inútil.

”

Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis ambos. Os curiosos terão prazer em descobrir minhas conclusões,

confrontando obra e dados. Para quem me regeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou.

”

Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. D’ái a razão dêste Prefácio Interessantíssimo.

”

Aliás muito difícil nesta prosa saber onde termina a *blague*, onde principia a seriedade. Nem eu sei.

”

E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos actuais. Sou passadista,

confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu; e o autor dêste livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem.

”

Livro evidentemente impressionista.
Ora, segundo modernos, êrro grave o Impressionismo.

Os architectos fogem do gótico como da arte nova, filiando-se, para além dos tempos históricos, nos volumes elementares: cubo, esfera, etc. Os pintores desdenham Delacroix como Whistler, para se apoiarem na calma constructiva de Rafael, de Ingres, do Grecco. Na escultura Rodin é ruim, os imaginários africanos são bons. Os músicos despresam Debussy, genuflexos deante da polifonia catedrallesca de Palestrina e João Sebastião Bach. A poesia...
« tende a despojar o homem de todos os seus

aspectos contingentes e efêmeros, para apanhar nele a humanidade »... Sou passadista, confesso.

”

« Este Alcorão nada mais é que uma embrulhada de sonhos confusos e incoerentes. Não é inspiração provinda de Deus, mas criada pelo autor. Maomé não é profeta, é um homem que faz versos. Que se apresente com algum sinal revelador do seu destino, como os antigos profetas ». Talvez digam de mim o que disseram do criador de Alá. Diferença cabal entre nós dois: Maomé apresentava-se como profeta; julguei mais conveniente apresentar-me como louco.

”

Você já leu São João Evangelista? Walt Whitman ? Mallarmé ? Verhaeren ?

”

Perto de dez anos metrifiquei, rimei. Exemplo?

ARTISTA

O meu desejo é ser pintor — Lionardo,
cujo ideal em piedades se acrisola;
fazendo abrir-se ao mundo a ampla corola
do sonho ilustre que em meu peito guardo...

Meu anseio é, trazendo ao fundo pardo
da vida, a cor da veneziana escola,
dar tons de rosa e de ouro, por esmola,
a quanto houver de penedia ou cardo.

Quando encontrar o manancial das tintas
e os pinceis exaltados com que pintas,
Veronese ! teus quadros e teus frisos,

irei morar onde as Desgraças moram;
e viverei de colorir sorrisos
nos lábios dos que imprecam ou que choram!

Os snrs. Laurindo de Brito, Martins Fontes, Paulo Setubal, embora não tenham evidentemente a envergadura de Vicente de Carvalho ou de Francisca Julia, publicam seus versos. E fazem muito bem. Podia, como êles, publicar meus versos metrificados.

”

Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos de contacto com o futurismo. Oswald de Andrade, chamando-me de futurista, errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse. Tal foi o escândalo, que desejei a morte do mundo. Era vaidoso. Quis sair da obscuridade. Hoje tenho orgulho. Não me pesaria reentrar na obscuridade. Pensei que se discutiriam minhas ideas (que nem são minhas): discutiram minhas intenções. Já agora não me calo. Tanto ridicularizariam meu silêncio como esta grita.

Andarei a vida de braços no ar, como o
«Indiferente» de Watteau.

”

« Alguns leitores ao lerem estas frases (poesia citada) não compreenderam logo. Creio mesmo que é impossível compreender inteiramente á primeira leitura pensamentos assim esquematizados sem uma certa prática. Nem é nisso que um poeta pode queixar-se dos seus leitores. No que êstes se tornam condenáveis é em não pensar que um autor que assina não escreve asnidades pelo simples prazer de experimentar tinta; e que, sob essa extravagância aparente havia um sentido porventura interessantíssimo, que havia qualquer coisa por compreender ». João Epstein.

”

Ha neste mundo um senhor chamado Zdislas Milner. Entretanto escreveu isto: « O facto duma

obra se afastar de preceitos e regras aprendidas, não dá a medida do seu valor ». Perdoe-me dar algum valor a meu livro. Não ha pai que, sendo pai, abandone o filho corcunda que se afoga, para salvar o lindo herdeiro do visinho. A ama-de-leite do conto foi uma grandíssima cabotina desnaturada.

”

Todo escritor acredita na valia do que escreve. Si mostra é por vaidade. Si não mostra é por vaidade também.

”

Não fujo do ridículo. Tenho companheiros ilustres.

”

O ridículo é muitas vezes subjectivo. Independe do maior ou menor alvo de quem o sofre.

Criamo-lo para vestir com êle quem fere nosso orgulho, ignorância, esterilidade.

”

Um pouco de teoria ?
Acredito que o lirismo, nascido no subconsciente, acrisolado num pensamento claro ou confuso, crea frases que são versos inteiros, sem prèjuizo de medir tantas sílabas, com acentuação determinada.
Entroncamento é sueto para os condenados da prisão alexandrina. Ha porém raro exemplo dêle nêste livro. Uso de caximbo...

”

x A inspiração é fugaz, violenta. Qualquer impecilho a perturba e mesmo emudece. Arte, que, somada a Lirismo, dá Poesia (1), não consiste em prejudicar a dôida carreira do estado lírico para avisa-lo das pedras e cercas

(1) Lirismo + Arte = Poesia, fórmula de P. Dermée.

de arame do caminho. Deixe que tropece, cáia e se fira. Arte é mondar mais tarde o poema de repetições fastientas, de sentimentalidades românticas, de pormenores inúteis ou inexpressivos.

”

Que Arte não seja porém limpar versos de exagêros coloridos. Exagêro: símbolo sempre novo da vida como do sonho. Por êle vida e sonho se irmanam. E, consciente, não é defeito, mas meio legítimo de expressão.

”

« O vento senta no ombro das tuas velas ! »
Shakespeare. Homero já escrevera que a terra mugia debaixo dos pés de homens e cavalos. Mas você deve saber que ha milhões de exagêros na obra dos mestres.

”

Taine disse que o ideal dum artista consiste em
« apresentar, mais que os próprios objectos,

completa e claramente qualquer característica essencial e saliente dêles, por meio de alterações sistemáticas das relações naturais entre as suas partes, de modo a tornar essa característica mais visível e dominadora ». O snr. Luis Carlos, porém, reconheço que tem o direito de citar o mesmo em defêsa das suas “Colunas.”

”

Já raciocinou sobre o chamado « belo horrível » ? E’ pena. O belo horrível é uma escapatória criada pela dimensão da orelha de certos filósofos para justificar a atracção exercida, em todos os tempos, pelo feio sobre os artistas. Não me venham dizer que o artista, reproduzindo o feio, o horrível, faz obra bela. Chamar de belo o que é feio, horrível, só porquê está expressado com grandeza, comoção, arte, é desvirtuar ou desconhecer o conceito da beleza. Mas feio = pecado... Atrái. Anita Malfatti falava-me outro dia no encanto sempre novo do feio. Ora Anita Malfatti ainda não leu Emilio Bayard : « O fim

lógico dum quadro é ser agradável de ver. Todavia comprazem-se os artistas em exprimir o singular encanto da feiura. O artista sublima tudo ».

Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório — questão de moda. Belo da natureza: imutável, objectivo, natural — tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem êste é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Braz Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjectivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quizerem. Pouco me importa.

”

Nossos sentidos são frágeis. A percepção das

coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, préconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc.... Só idealmente podemos conceber os objectos como os actos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objectivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exactidão aparente, ou indica os objectos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjectiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, sêres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heroica, que ultrapassa a defeituosa percepção dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quasi perfilha a concepção estética de Fichte. Fugamos da natureza ! Só assim a arte

não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia... colorida.

”

Não acho mais graça nenhuma nisso da gente submeter comoções a um leito de Procusto para que obtenham, em ritmo convencional, número convencional de sílabas. Já, primeiro livro, usei indiferentemente, sem obrigação de retorno periódico, os diversos metros pares. Agora liberto-me também dêsse prèconceito. Adquiro outros. Razão para que me insultem ?

”

Mas não desdenho baloiços dansarinos de redondilhas e decassílabos. Acontece a comoção caber nêles. Entram pois ás vezes no cabaré rítmico dos meus versos. Nesta questão de metros não sou aliado ; sou como a Argentina: enriqueço-me.

”

Sobre a ordem ? « Repugna-me, com efeito, o que Musset chamou :

«L'art de servir à point un dénouement bien cuit».

”

Existe a ordem dos colegiais infantis que saem das escolas de mãos dadas, dois a dois. Existe uma ordem nos estudantes das escolas superiores que descem uma escada de quatro em quatro degraus, chocando-se lindamente. Existe uma ordem, inda mais alta, na fúria desencadeada dos elementos.

”

Quem leciona Historia do Brasil obedecerá a uma ordem que, certo, não consiste em estudar a guerra do Paraguai antes do illustre acaso de Pedro Alvares. Quem canta seu subconsciente seguirá a ordem imprevista das comoções, das associações de imagens, dos contactos exteriores. Acontece que o tema ás vezes descaminha.

”

O impulso lírico clama dentro de nós como turba enfuriada. Seria engraçadíssimo que a esta

se dissesse:

« Alto lá ! Cada qual berre por sua vez ; e quem tiver o argumento mais forte, guarde-o para o fim ! » A turba é confusão aparente. Quem souber afastar-se idealmente dela, verá o imponente desenvolver-se dessa alma colectiva, falando a retórica exacta das reivindicações.

Minhas reivindicações ? Liberdade. Uso dela ; não abuso. Sei embrida-la nas minhas verdades filosóficas e religiosas ; porquê verdades filosóficas, religiosas, não são convencionais como a Arte, são verdades. Tanto não abuso ! Não pretendo obrigar ninguém a seguir-me. Costumo andar sózinho.

”

Virgilio, Homero, não usaram rima. Virgilio, Homero, têm assonâncias admiráveis.

”

A lingua brasileira é das mais ricas e sonoras.

E possúi o admirabilíssimo « ão ».

“

Marinetti foi grande quando redescobriu o poder sugestivo, associativo, simbólico, universal, musical da palavra em liberdade. Aliás: velha como Adão. Marinetti errou: fez dela sistema. E' apenas auxiliar poderosíssimo. Uso palavras em liberdade. Sinto que o meu copo é grande demais para mim, e inda bebo no copo dos outros.

“

Sei construir teorias engenhosas. Quer ver ? A poética está muito mais atrasada que a música. Esta abandonou, talvez mesmo antes do século 8, o regime da melodia quando muito oitavada, para enriquecer-se com os infinitos recursos da harmonia. A poética, com rara excepção até meados do século 19 francês, foi essencialmente melódica. Chamo de verso melódico o mesmo que melodia musical:

arabesco horizontal de vozes (sons) consecutivas, contendo pensamento inteligível.

Ora, si em vez de unicamente usar versos melódicos horizontais:

« Mnezarete, a divina, a pálida Phrynea
Comparece ante a austera e rígida assemblea
Do Areópago supremo . . . »

fizemos que se sigam palavras sem ligação imediata entre si: estas palavras, pelo facto mesmo de se não seguirem intelectual, gramaticalmente, se sobrepõem umas ás outras, para a nossa sensação, formando, não mais melodias, mas harmonias.

Explico melhor:

Harmonia: combinação de sons simultâneos.

Exemplo:

« Arroubos . . . Lutas . . . Setas . . . Cantigas . . .
Povoar ! . . . »

Estas palavras não se ligam. Não formam enumeração. Cada uma é frase, período elíptico, reduzido ao mínimo telegráfico.

Si pronuncio « Arroubos », como não faz parte

de frase (melodia), a palavra chama a atenção para seu insulamento e fica vibrando, *á espera duma frase que lhe faça adquirir significado e QUE NÃO VEM*. « Lutas » não dá conclusão alguma a « Arroubos »; e, nas mesmas condições, não fazendo esquecer a primeira palavra, fica vibrando com ela. As outras vozes fazem o mesmo. Assim: em vez de melodia (frase gramatical) temos acorde arpejado, harmonia, — o verso harmónico.

Mas, si em vez de usar só palavras soltas, uso frases soltas: mesma sensação de superposição, não já de palavras (notas) mas de frases (melodias). Portanto: polifonia poética.

Assim, em “Paulicea Desvairada” usam-se o verso melódico:

« São Paulo é um palco de bailados russos »; o verso harmónico:

« A cainçalha... A Bolsa... As jogatinas... » ; e a polifonia poética (um e ás vezes dois e mesmo mais versos consecutivos):

« A engrenagem trepida... A bruma neva... »

Que tal ? Não se esqueça porém que outro virá destruir tudo isto que construí.

Para ajuntar á teoria:

1.º

Os génios poéticos do passado conseguiram dar maior interesse ao verso melódico, não só criando-o mais belo, como fazendo-o mais variado, mais comotivo, mais imprevisto. Alguns mesmo conseguiram formar harmonias, por vezes ricas. Harmonias porém inconscientes, esporádicas. Provo inconsciência: Victor Hugo, muita vez harmónico, exclamou depois de ouvir o quarteto do Rigoletto: « Façam que possa combinar simultaneamente várias frases e verão de que sou capaz.» Encontro anedota em Galli, Estética Musical. Se non é vero...

2.º

Ha certas figuras de retórica em que podemos ver embrião da harmonia oral, como na lição das

sinfonias de Pitágoras encontramos germe da harmonia musical. Antítese — genuína dissonância. E si tão apreciada é justo porquê poetas como músicos, sempre sentiram o grande encanto da dissonância, de que fala G. Migot.

3.º

Comentário á frase de Hugo. Harmonia oral não se realiza, como a musical, nos sentidos, porquê palavras não se fundem como sons, antes baralham-se, tornam-se incompreensíveis. A realização da harmonia poética efectua-se na intelligência. A compreensão das artes do tempo nunca é imediata, mas mediata. Na arte do tempo coordenamos actos de memória consecutivos, que assimilamos num todo final. Este todo, resultante de estados de consciência successivos, dá a compreensão final, completa da musica, poesia, dança terminada. Victor Hugo errou querendo realizar objectivamente o que se realiza subjectivamente, dentro de nós.

4.º

Os psicólogos não admitirão a teoria... E' responder-lhes com o « Só-quem-ama » de Bilac. Ou com os versos de Heine de que Bilac tirou o « Só-quem-ama ». Entretanto : si você já teve por acaso na vida um acontecimento forte, imprevisto (já teve, naturalmente) recorde-se do tumulto desordenado das muitas ideas que nesse momento lhe tumultuaram no cérebro. Essas ideas, reduzidas ao mínimo telegráfico da palavra, não se continuavam, porquê não faziam parte de frase alguma, não tinham resposta, solução, continuidade. Vibravam, ressoavam, amontoavam-se, sobrepunham-se. Sem ligação, sem concordância aparente — embora nascidas do mesmo acontecimento — formavam, pela successão rapidíssima, verdadeira simultaneidade, verdadeiras harmonias acompanhando a melodia enérgica e larga do acontecimento.

5.º

Bilac, Tarde, é muitas vezes tentativa de harmonia poética. Daí, em parte ao menos, o estilo novo do livro. Descobriu, para a lingua brasileira, a harmonia poética, antes dêle empregada raramente. (Gonçalves Dias, genialmente, na scena da luta, Y - Juca - Pirama). O defeito de Bilac foi não metodizar o invento; tirar dêle todas as consequências. Explica-se historicamente seu defeito: Tarde é um apogeu. As decadências não vêm depois dos apogeus. O apogeu já é decadência, porquê sendo estagnação não pode conter em si um progresso, uma evolução ascencional. Bilac representa uma fase destructiva da poesia; porquê toda perfeição em arte significa destruição. Imagino o seu susto, leitor, lendo isto. Não tenho tempo para explicar: estude, si quiser. O nosso primitivismo representa uma nova fase constructiva. A nós compete squematizar, metodizar as lições do passado. Volto ao poeta. Ele fez como os criadores do

Organum medieval: aceitou harmonias de quartas e de quintas desprezando terceiras, sextas, todos os demais intervallos. O número das suas harmonias é muito restrito. Assim, «...o ar e o chão, a fauna e a flora, a erva e o passaro, a pedra e o tronco, os ninhos e a hera, a agua e o reptil, a folha e o insecto, a flor e a [fera » dá impressão duma longa, monótona série de quintas medievais, fastidiosa, excessiva, inútil, incapaz de suggestionar o ouvinte e dar-lhe a sensação do crepúsculo na mata. (1)

"

Lirismo: estado afectivo sublime — visinho da sublime loucura. Preocupação de métrica e de

(1) Ha 6 ou 8 mezes expus esta teoria aos meus amigos. Recebo agora, dezembro, numero 11 e 12, novembro, da revista «Esprit Nouveau». Aliás «Esprit Nouveau»: minhas andas neste Prefácio Interessantissimo. Epstein, continuando estudo «O Fenómeno Literario» observa o harmonismo moderno, a que denomina simultaneísmo. Acha-o interessante, mas diz que é «utopia fisiológica». Epstein no mesmo êrro de Hugo.

rima prejudica a naturalidade livre do lirismo objectivado. Por isso poetas sinceros confessam nunca ter escrito seus melhores versos. Rostand por exemplo; e, entre nós, mais ou menos, o sr. Amadeu Amaral. Tenho a felicidade de escrever meus melhores versos. Melhor do que isso não posso fazer.

”

Ribot disse algures que inspiração é telegrama cifrado transmitido pela actividade inconsciente á actividade consciente que o traduz. Essa actividade consciente pode ser repartida entre poeta e leitor. Assim aquele não escorcha e esmiuça friamente o momento lírico; e bondosamente concede ao leitor a glória de colaborar nos poemas.

”

« A linguagem admite a forma dubitativa que o mármore não admite ». Renan.

”

« Entre o artista plástico e o músico está o poeta, que se avizinha do artista plástico com a sua

produção consciente, enquanto atinge as possibilidades do músico no fundo obscuro do inconsciente ». De Wagner.

”

Você está reparando de que maneira costumo andar sozinho...

”

Dom Lirismo, ao desembarcar do Eldorado do Inconsciente no cáis da terra do Consciente, é inspeccionado pela visita médica, a Inteligência, que o alimpa dos macaquinhos e de toda e qualquer doença que possa espalhar confusão, obscuridade na terrinha progressista. Dom Lirismo sofre mais uma visita alfandegária, descoberta por Freud, que a denominou Censura. Sou contrabandista ! E contrário á lei da vacina obrigatória.

”

Parece que sou todo instinto... Não é verdade. Ha no meu livro, e não me desagrada, tendência

pronunciadamente intelectualista. Que quer você? Consigo passar minhas sedas sem pagar direitos. Mas é psicologicamente impossível livrar-me das injeções e dos tónicos.

”

A gramática apareceu depois de organizadas as linguas. Acontece que meu inconsciente não sabe da existência de gramáticas, nem de linguas organizadas. E como Dom Lirismo é contrabandista...

”

Você perceberá com facilidade que si na minha poesia a gramática ás vezes é despresada, graves insultos não sofre neste prefácio interessantíssimo. Prefácio: rojão do meu eu superior. Versos: paisagem do meu eu profundo.

”

Pronomes? Escrevo brasileiro. Si uso ortografia

portuguesa é porquê, não alterando o resultado, dá-me uma ortografia.

''

x Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida actual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Si estas palavras frequentam-me o livro não é porquê pense com elas escrever moderno, mas porquê sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser.

''

Sei mais que pode ser moderno artista que se inspire na Grécia de Orfeu ou na Lusitânia de Nun'Alvares. Reconheço mais a existência de temas eternos, passíveis de afeiçoar pela modernidade: universo, pátria, amor e a presença-dos-ausentes, ex-gôso-amargo-de-infelizes.

''

Não quis também tentar primitivismo vesgo e insincero. Somos na realidade os primitivos

duma era nova. Esteticamente: fui buscar entre as hipóteses feitas por psicólogos, naturalistas e críticos sôbre os primitivos das eras passadas, expressão mais humana e livre de arte.

”

x O passado é lição para se meditar, não para reproduzir.

« E tu che sè costí, anima viva,
Pártiti da cotesti che son morti ».

”

Por muitos anos procurei-me a mim mesmo. Achei. Agora não me digam que ando á procura da originalidade, porquê já descobri onde ela estava, pertence-me, é minha.

”

Quando uma das poesias dêste livro foi

publicada, muita gente me disse: « Não entendi ». Pessoas houve porém que confessaram: « Entendi, mas não senti ». Os meus amigos... percebi mais duma vez que sentiam, mas não entendiam. Evidentemente meu livro é bom.

”

Escritor de nome disse dos meus amigos e de mim que ou éramos génios ou bêstas. Acho que tem razão. Sentimos, tanto eu como meus amigos, o anseio do farol. Si fossemos tão carneiros a ponto de termos escola colectiva, esta seria por certo o « Farolismo ». Nosso desejo: alumiar. A extrema-esquerda em que nos colocámos não permite meio-termo. Si génios: indicaremos o caminho a seguir; bêstas: naufrágios por evitar.

”

Canto da minha maneira. Que me importa si me não entendem ? Não tenho fôrças bastantes para me universalizar ? Paciência. Com o vário alaúde que construí, me parto por essa selva

selvagem da cidade. Como o homem primitivo cantarei a princípio só. Mas canto é agente simpático: faz renascer na alma dum outro prediposto ou apenas sinceramente curioso e livre, o mesmo estado lírico provocado em nós por alegrias, sofrimentos, ideais. Sempre hei-de achar também algum, alguma que se embalarão á cadência libertária dos meus versos. Nêsse momento: novo Anfião moreno e caixa-d'óculos, farei que as próprias pedras se reunam em muralhas á magia do meu cantar. E dentro dessas muralhas esconderemos nossa tribu.

”

Minha mão escreveu a respeito dêste livro que « não tinha e não tem nenhuma intenção de o publicar ». Jornal do Comércio, 6 de Junho. Leia frase de Gourmont sobre contradição: 1.º volume das “Promenades Littéraires”. Rui Barbosa tem sobre ela página lindíssima, não

me recordo onde. Ha umas palavras tambem em João Cocteau, "La Noce Massacrée".

"

Mas todo êste prefácio, com todo o disparate das teorias que contém, não vale coisíssima nenhuma. Quando escrevi "Paulicea Desvairada" não pensei em nada disto. Garanto porém que chorei, que cantei, que ri, que berrei... Eu vivo !

"

Aliás versos não se escrevem para leitura de olhos mudos. Versos cantam-se, urram-se, choram-se. Quem não souber cantar não leia Paisagem n.º 1. Quem não souber urrar não leia Ode do Burguês. Quem não souber rezar, não leia Religião. Despresar: A Escalada. Sofrer: Colloque Sentimental. Perdoar: a cantiga do berço, um dos solos de Minha Loucura, das Enfibraturas do Ipiranga. Não continuo.

Repugna-me dar a chave de meu livro. Quem for como eu tem essa chave.

”

E está acabada a escola poética « Desvairismo ».

”

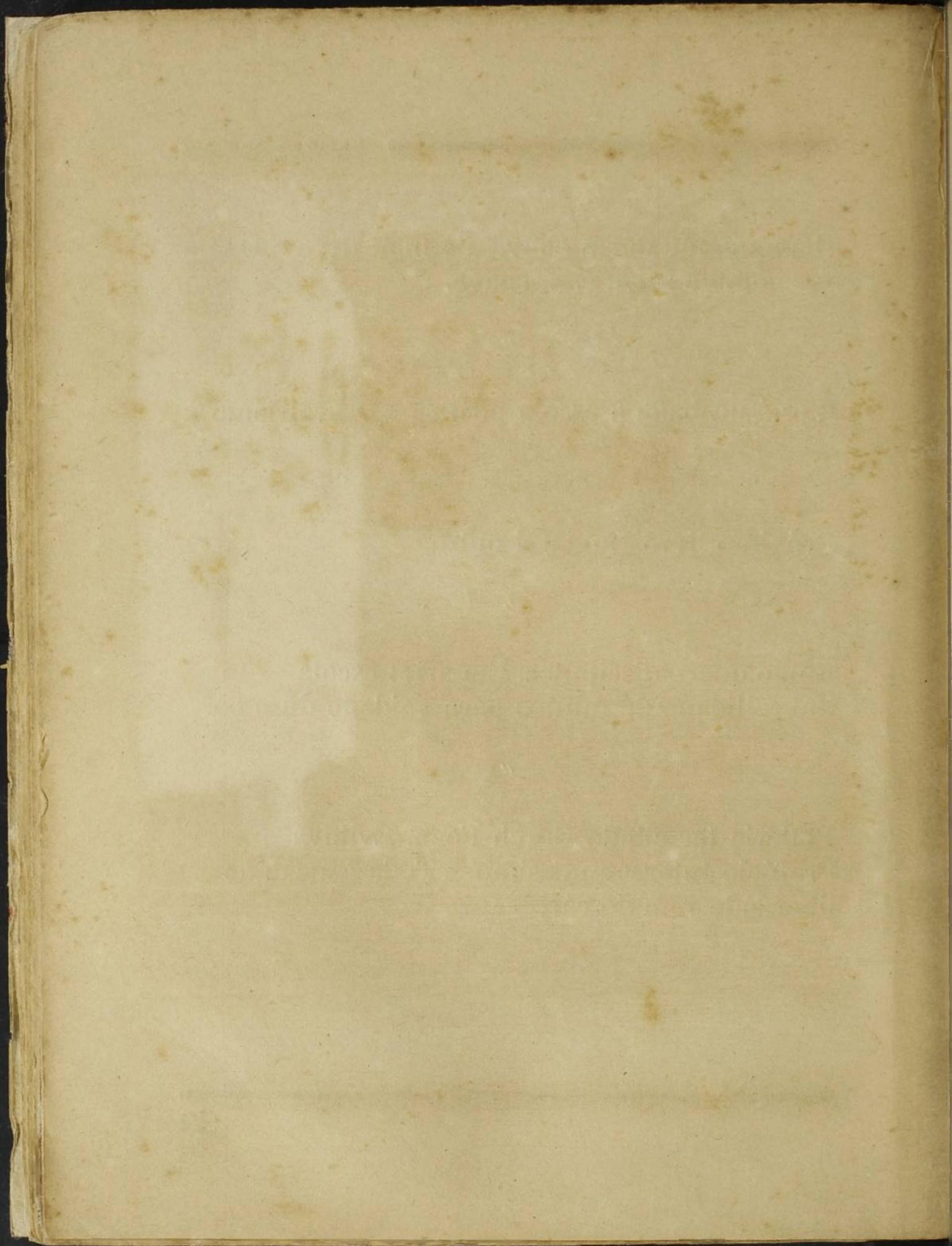
Próximo livro fundarei outra.

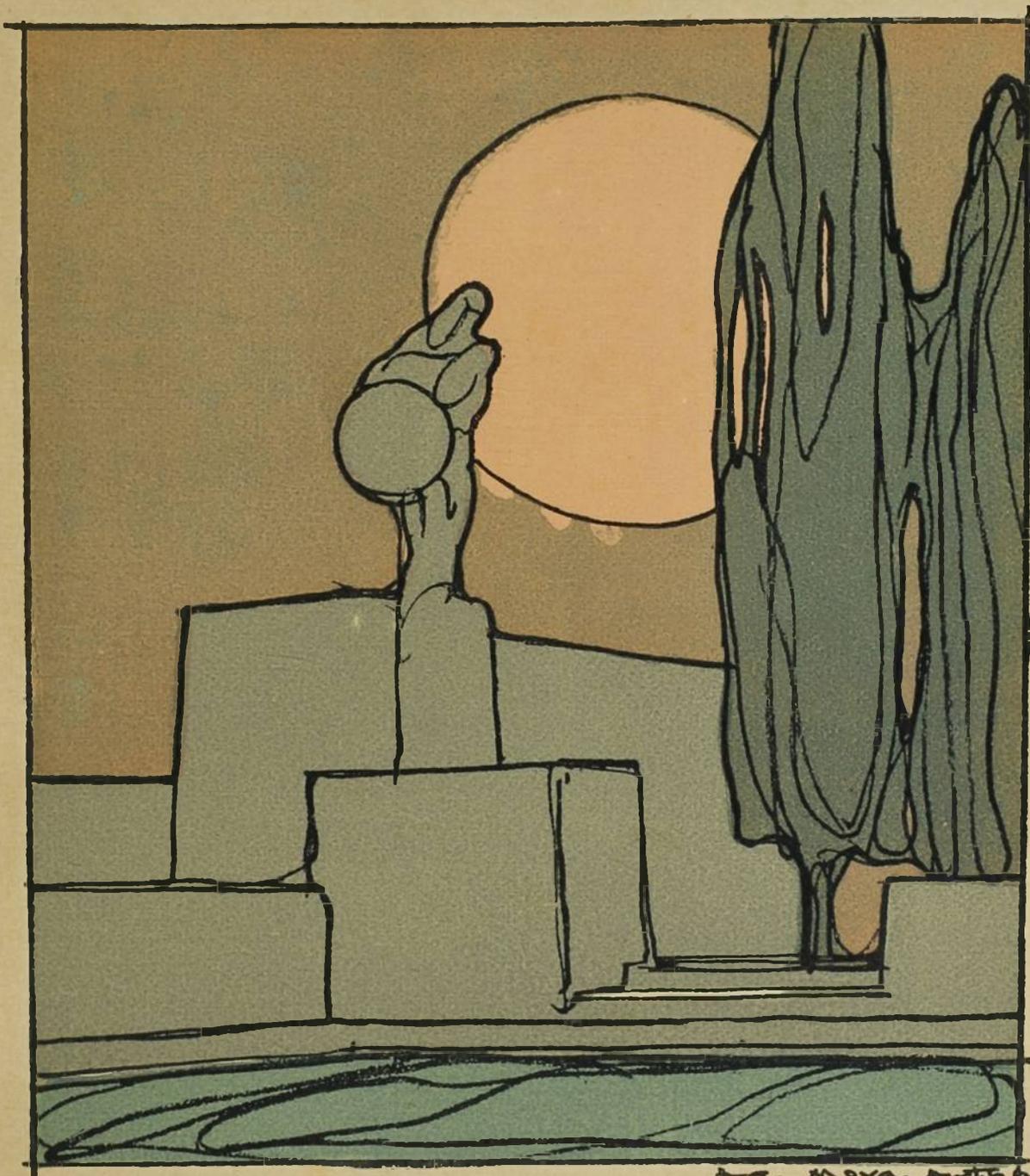
”

E não quero discípulos. Em arte: escola = imbecilidade de muitos para vaidade dum só.

”

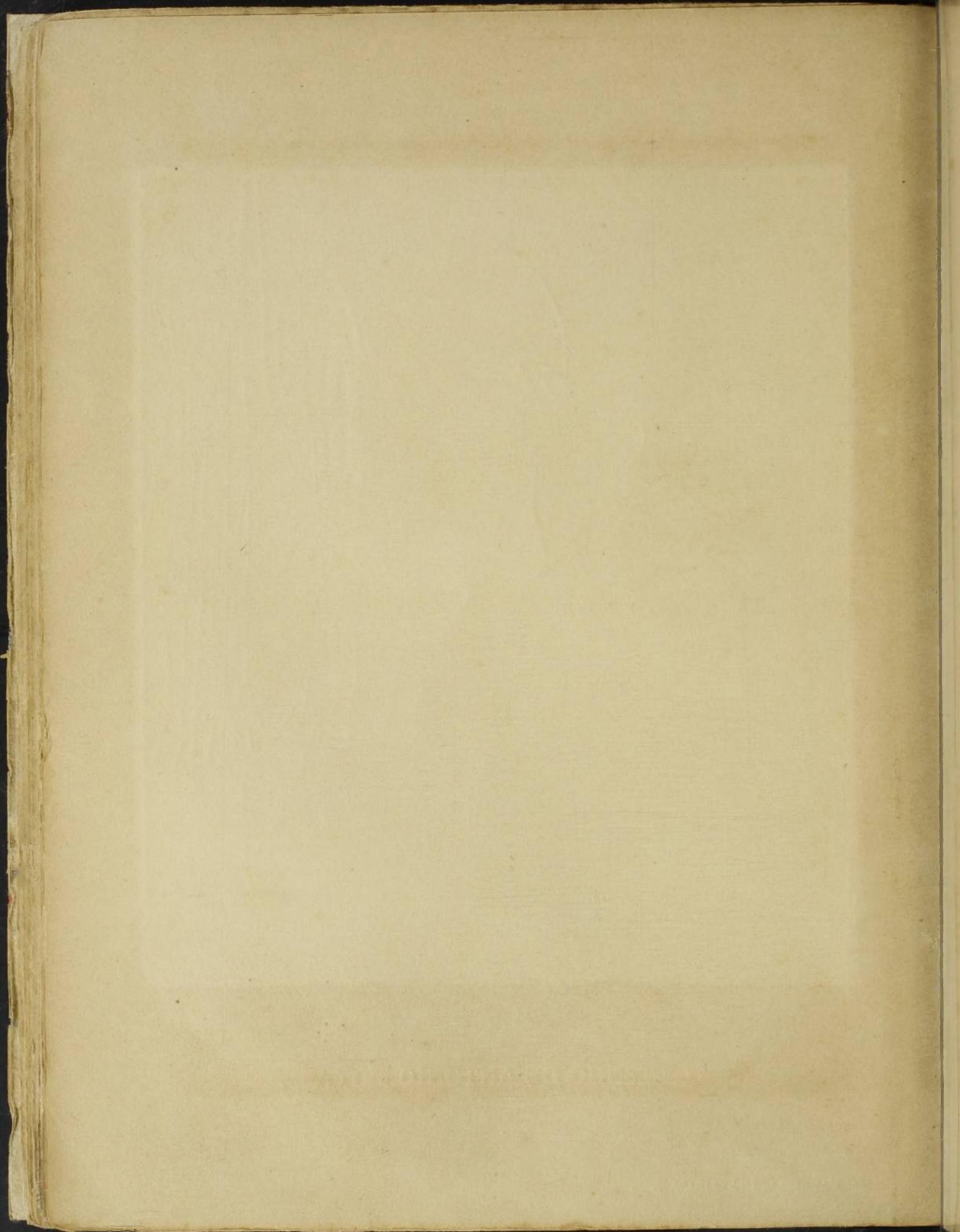
Poderia ter citado Gorch Fock. Evitava o Prefácio Interessantissimo. « Toda canção de liberdade vem do cárcere ».



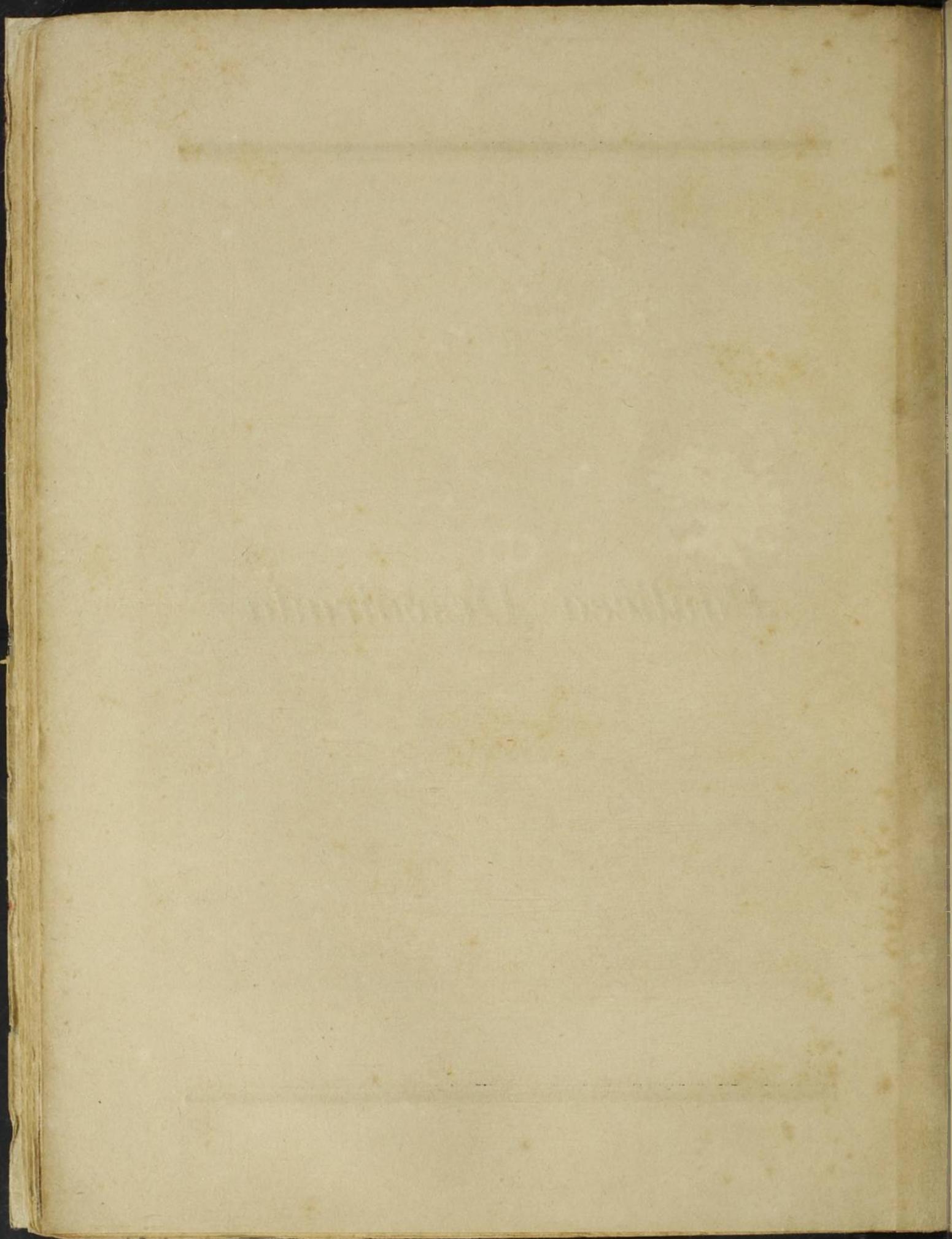


Ant. Moya Arch. 1921

DESENHO DE ANTONIO MOYA



Paulicea Desvairada



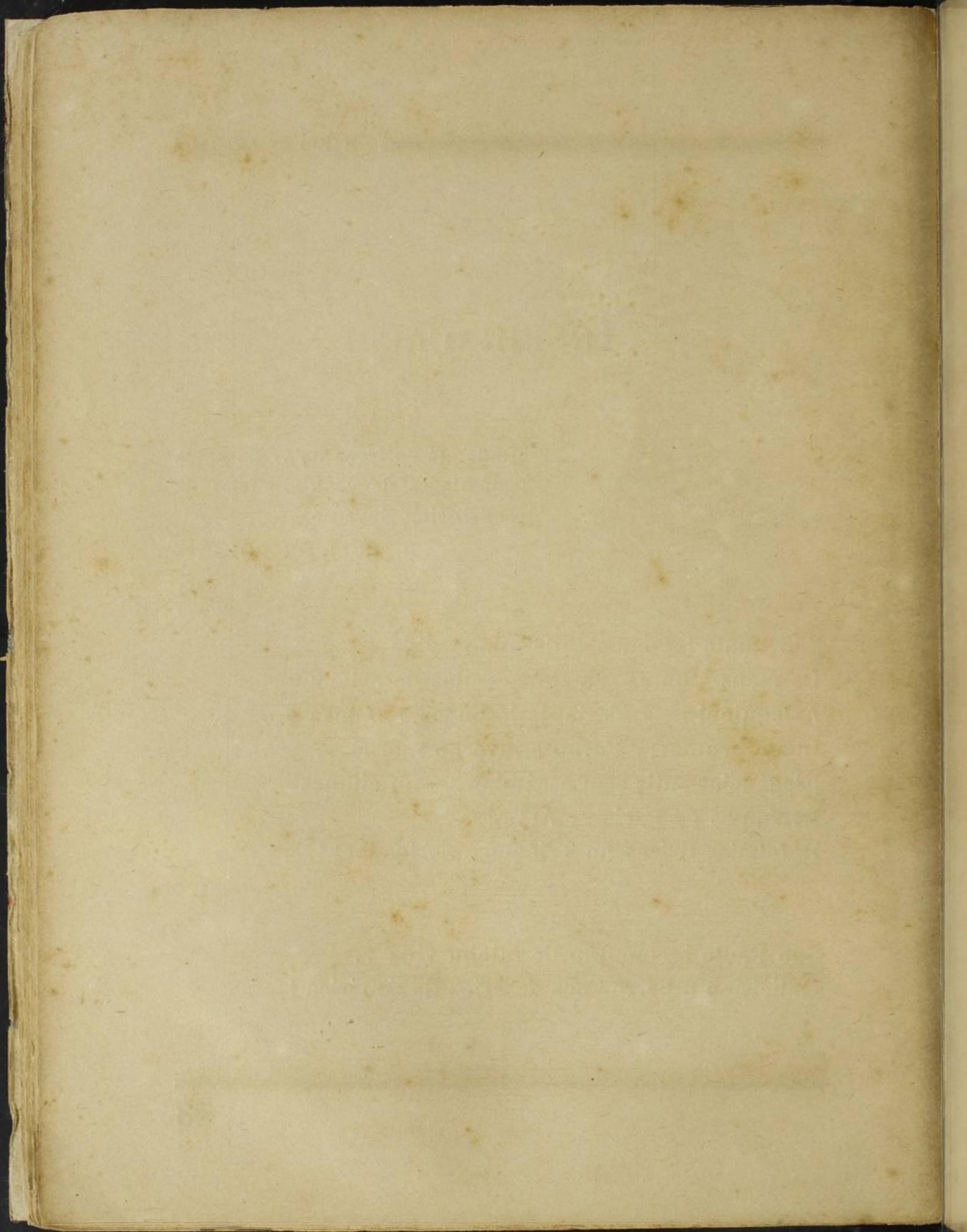
INSPIRAÇÃO

«Onde até na fôrça do verão havia
tempestades de ventos e frios de
crudélissimo inverno».

FR. LUIS DE SOUSA

São Paulo ! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequinal !... Traje de losangos... Cinza e ouro....
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciumes...
Perfumes de Paris... Arys !
Bofetadas líricas no Trianon... Algodual !...

São Paulo ! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América !



O TROVADOR

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...

As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...

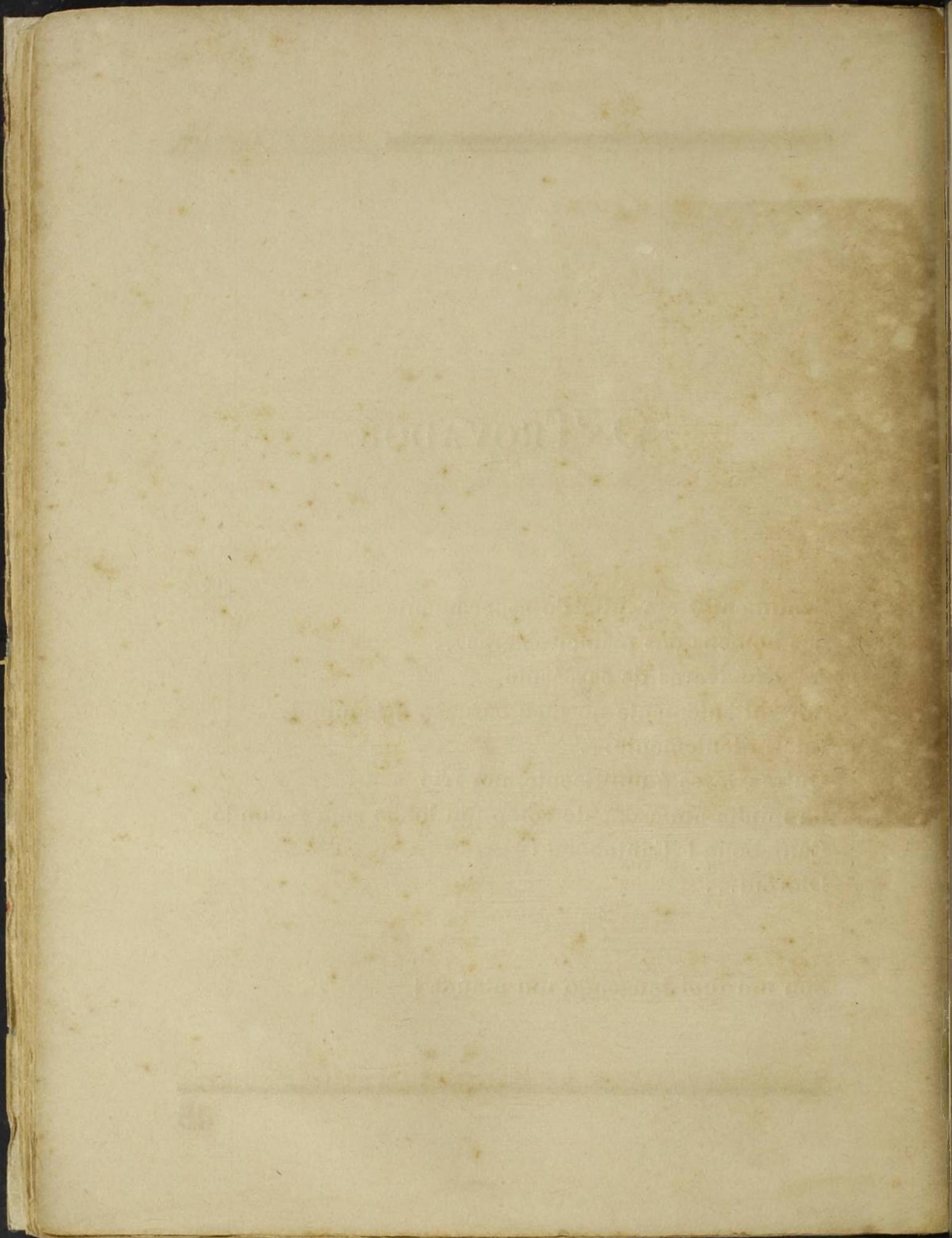
Intermitentemente...

Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo...

Cantabona ! Cantabona !

Dlorom...

Sou um tupí tangendo um alaúde !



OS CORTEJOS

Monotonias das minhas retinas...

Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...

Todos os sempre das minhas visões! «Bon giorno, caro.»

Horríveis as cidades !

Vaidades e mais vaidades...

Nada de asas ! Nada de poesia ! Nada de alegria !

Oh ! os tumultuários das ausências !

Paulicea — a grande bocca de mil dentes;

e os jôrros dentre a lingua trissulca

de pús e de mais pús de distinção...

Giram homens fracos, baixos, magros...
Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...

Estes homens de São Paulo,
todos iguais e desiguais,
quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos,
parecem-me uns macacos, uns macacos.

A ESCALADA

(Maçonariamente.)

— Alcantilações !... Ladeiras sem conto !...

Estas cruces, estas crucificações da honra !...

— Não ha ponto final no môrro das ambições.

As bebedeiras do vinho dos aplaudires...

Champanhações... Cospe os fardos !

(São Paulo é trono.)— E as imensidões das escadarias!...

— Queres te assentar no píncaro mais alto? Catedral?...

— Estas cadeias da virtude !...

— Tripinga-te ! (Os empurrões dos braços em segrêdo.)

Principiarás escravo, irás a Chico-Rei !

(Ha fita de série no Colombo.

“O Empurrão na Escuridão”. Film nacional.)

— Adeus lírios do Cubatão para os que andam sózinhos !

(Sono tre tustune per i ragazzini.)

— Estes mil quilos da crença !...

— Tripinga-te ! Alcançarás o sólio e o sol sonante !

Cospe os fardos ! Cospe os fardos !

Vê que facilidades as tais asas ?...

(Toca a banda do Fieramosca: Pa, pa, pa, pum !

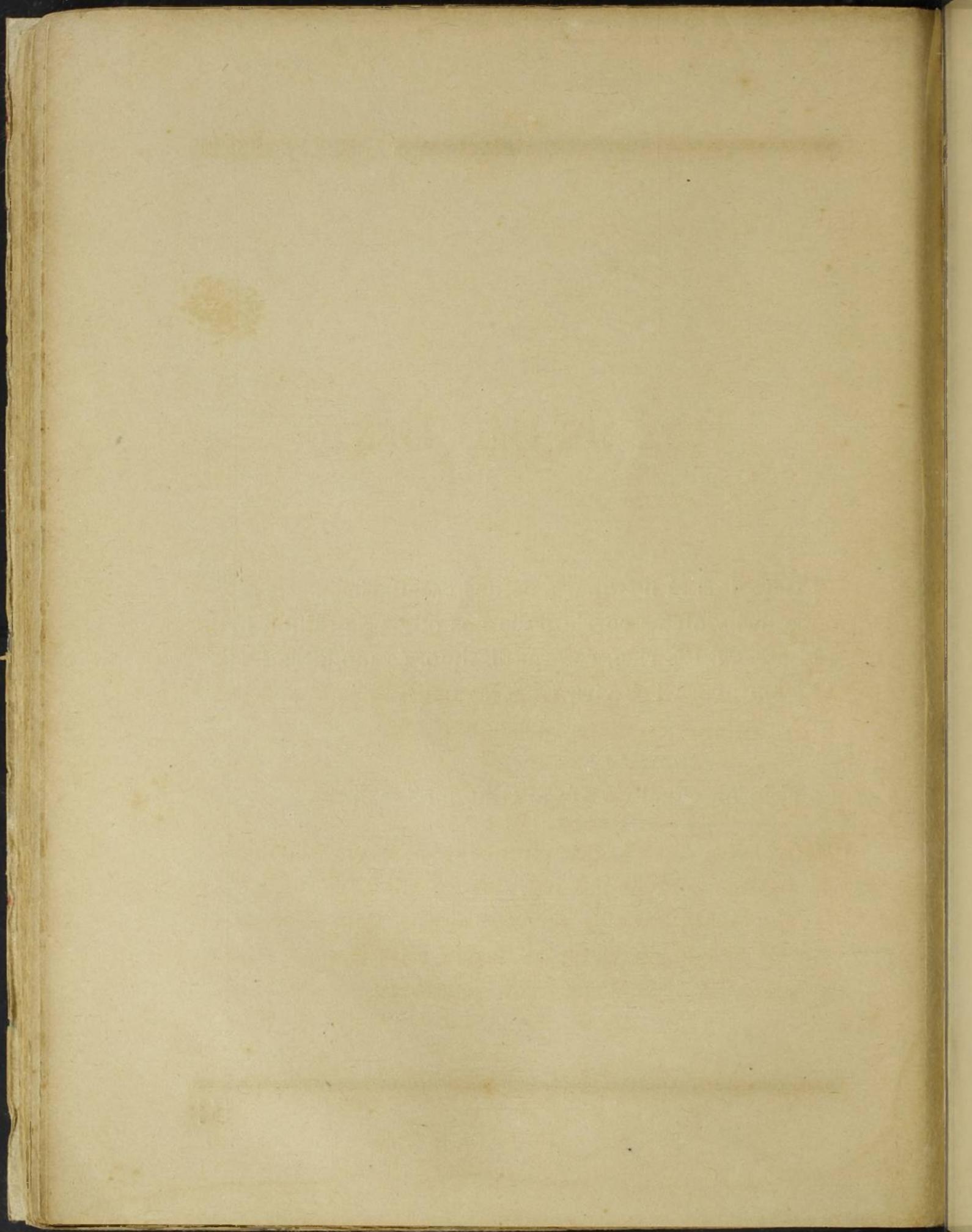
Toca a banda da policia: Ta, ra, ta, tchim !)

E's rei ! Olha o rei nú !

Que é dos teus fardos, Hermes Pança ? !

— Deixei-os lá nas margens das escadarias,
onde nas violetas corria o rio dos olhos de minha mãe...
— Sossega. E's rico, és grandíssimo, és monarca !
Alguem agora t'os virá trazer.

(E ei-lo na curul do vêsgo Olho-na-Treva.)



RUA DE SÃO BENTO

Triângulo.

Ha navios de vela para os meus naufrágios !
E os cantares da uiara rua de São Bento...

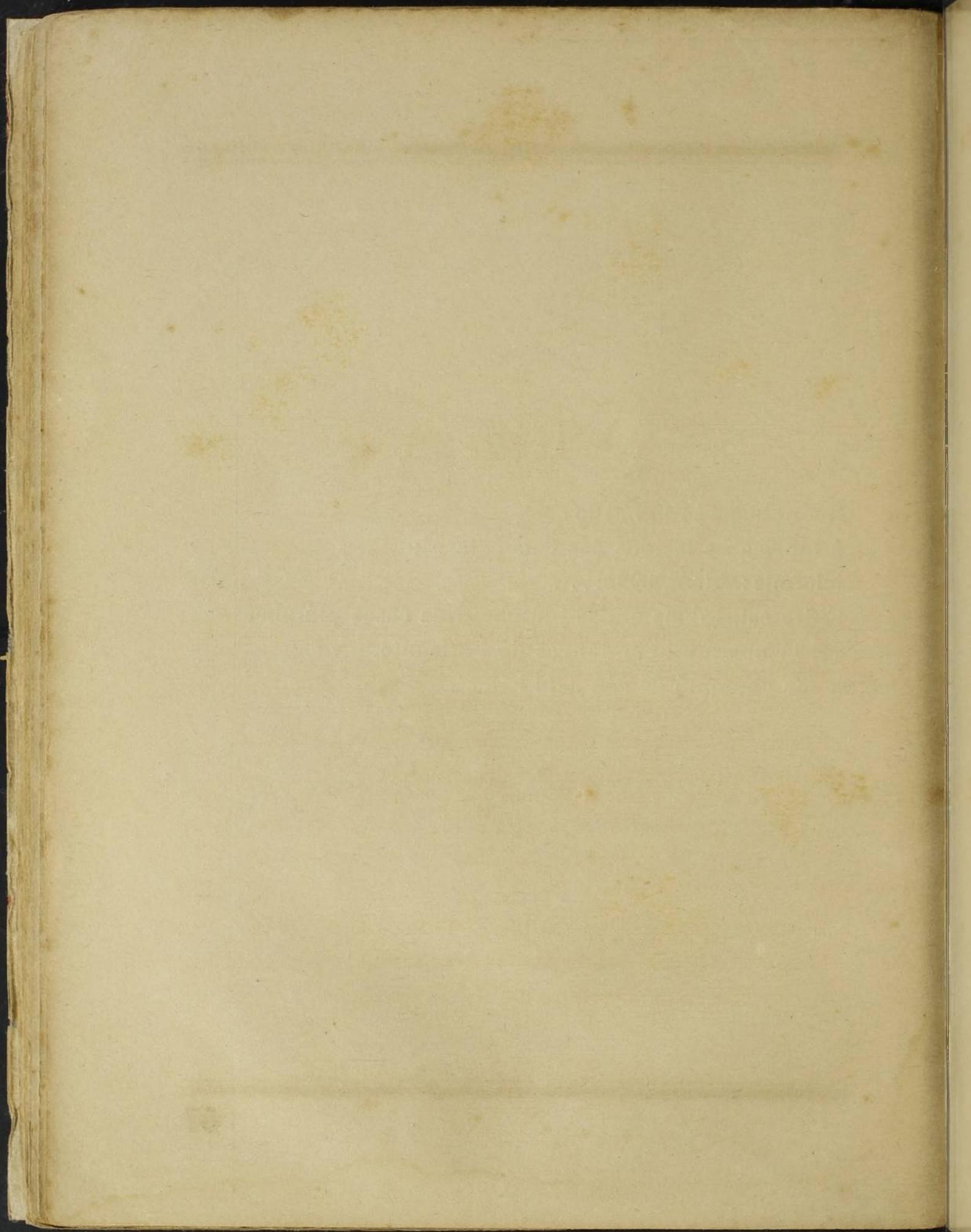
Entre estas duas ondas plúmbeas de casas plúmbeas,
as minhas delícias das asfixias da alma !
Ha leilão. Ha feira de carnes brancas. Pobres arrozais !
Pobres brisas sem pelúcias lisas a alisar !
A cainçalha... A Bolsa... As jogatinas...

Não tenho navios de vela para mais naufrágios !
Faltam-me as fôrças ! Falta-me o ar !
Mas qual ! Não ha siquer um pôrto môrto !
«Can you dance the tarantella ?» — «Ach ! ya.»
São as califórnias duma vida milionária
numa cidade arlequinal...

O Clube Comercial... A Padaria Espiritual...
Mas a desilusão dos sombrais amorosos
põe *majoration temporaire*, 100 %^{nt} !...

Minha Loucura, acalma-te !
Veste o *water-proof* dos tambens !

Nem chegarás tão cedo
à fábrica de tecidos dos teus êxtases;
telefone: Alem, 3991...
Entre estas duas ondas plúmbeas de casas plúmbeas,
vê, lá nos muito-ao-longes do horisonte,
a sua chaminé de céu azul !



O REBANHO

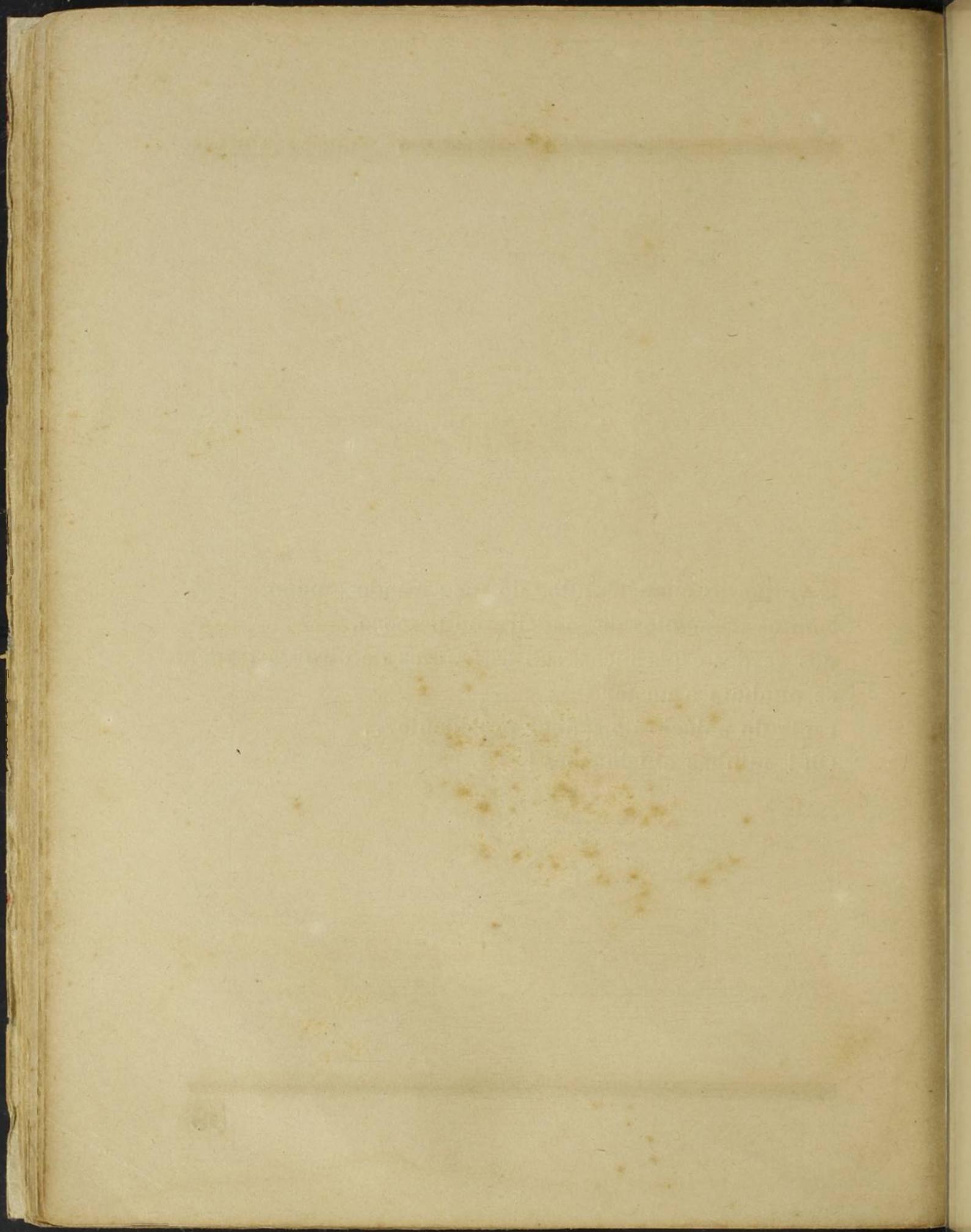
Oh ! minhas alucinações !
Vi os deputados, chapéus altos,
sob o pálio vespéral, feito de mangas-rosas,
sairem de mãos dadas do Congresso...
Como um possesso num acesso em meus aplausos
aos salvadores do meu estado amado !...

Desciam, inteligentes, de mãos dadas,
entre o trepidar dos taxis vascolejantes,
a rua Marechal Deodoro...

Oh ! minhas alucinações !
Como um possesso num acesso em meus aplausos
aos herois do meu estado amado !...

E as esperanças de ver tudo salvo !
Duas mil reformas, tres projectos...
Emigram os futuros nocturnos...
E verde, verde, verde !...
Oh ! minhas alucinações !
Mas os deputados, chapéus altos,
mudavam-se pouco a pouco em cabras !
Crescem-lhes os cornos, descem-lhes as barbinhas...

E vi que os chapéus altos do meu estado amado,
com os triângulos de madeira no pescoço,
nos verdes esperanças, sob as franjas de oiro da tarde,
se punham a pastar
rente do palácio do senhor presidente...
Oh ! minhas alucinações !



TIÊTÊ

Era uma vez um rio...

Porém os Borbas-Gatos dos ultra-nacionais esperia-
[mente !

Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo
as monções da ambição...

E as gigantes vitórias !

As embarcações singravam rumo do abismal Desca-
[minho...

Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar !

Ritmos de Brecheret !... E a santificação da morte !

Foram-se os ouros !... E o hoje das turmalinas !...

— Nadador ! vamos partir pela via dum Mato-Grosso ?
— Io ! Mai !... (Mais dez braçadas.
Quina Migone. Hat Stores. Meia de seda.)
Vado a pranzare con la Ruth.

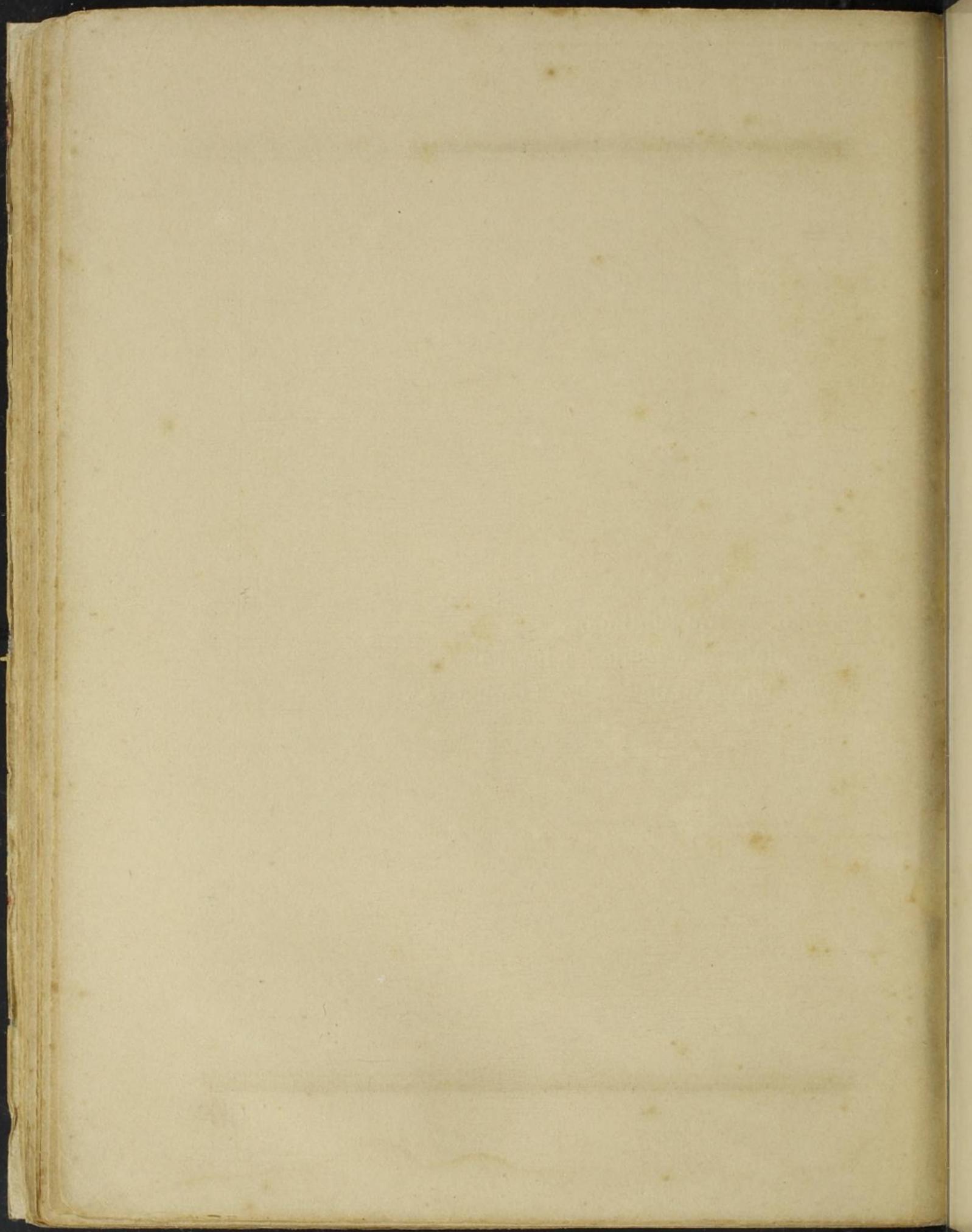
PAISAGEM N. 1

Minha Londres das neblinas finas !
Pleno verão. Os dez mil milhões de rosas paulistanas.
Ha neve de perfumes no ar.
Faz frio, muito frio...
E a ironia das pernas das costureirinhas
parecidas com bailarinas...
O vento é como uma navalha
nas mãos dum espanhol. Arlequinal !...
Ha duas horas queimou Sol.
Daquí a duas horas queima Sol.

Passa um São Bobo, cantando, sob os plátanos,
um tralálá... A guarda-cívica ! Prisão !
Necessidade a prisão
para que haja civilização ?
Meu coração sente-se muito triste...
Enquanto o cinzento das ruas arrepiadas
dialoga um lamento com o vento...

Meu coração sente-se muito alegre !
Este friozinho arrebitado
dá uma vontade de sorrir !

E sigo. E vou sentindo,
á inquieta alacridade da invernã,
como um gôsto de lágrimas na boca...



ODE AO BURGUÊS

Eu insulto o burguês ! O burguês-níquel,
o burguês-burguês !
A digestão bem feita de São Paulo !
O homem-curva ! o homem-nádegas !
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco !

Eu insulto as aristocracias cautelosas !
Os barões lampeões ! os condes Joões ! os duques zurros !
que vivem dentro de muros sem pulos ;
e gemem sangues de alguns milreis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam o "Printemps" com as unhas !

Eu insulto o burguês-funesto !
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições !
Fóra os que algarismam os amanhãs !
Olha a vida dos nossos setembros !
Fará Sol ? Choverá ? Arlequinal !
Mas á chuva dos rosais
o êxtase fará sempre Sol !

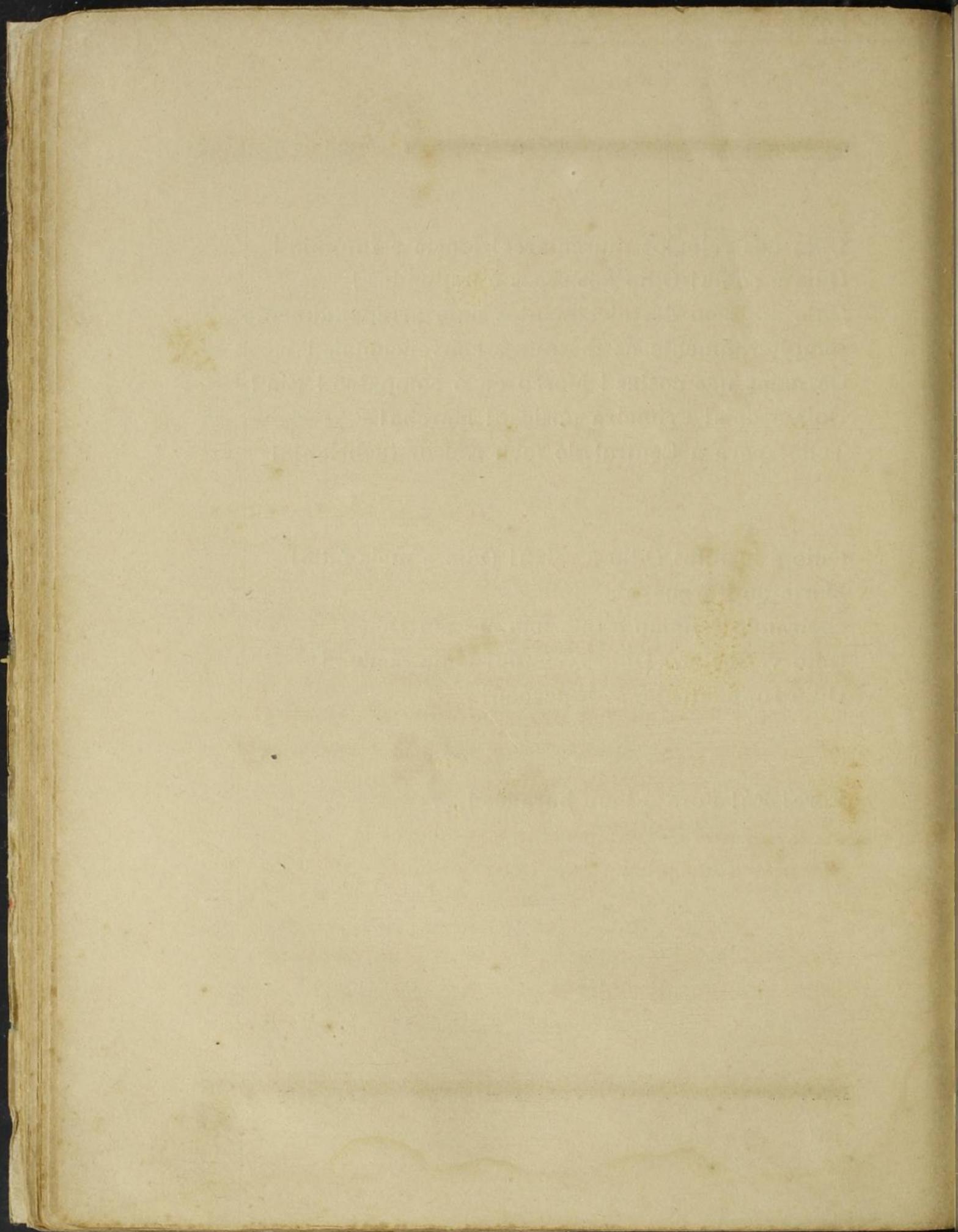
Morte á gordura !
Morte ás adiposidades cerebrais !
Morte ao burguês-mensal !
ao burguês-cinema ! ao burguês-tílhuri !
Padaria Suissa ! Morte viva ao Adriano !
«— Ai, filha, que te darei pelos teus anos ?
— Um colar... — Conto e quinhentos !!!
Mas nós morremos de fome ! »

Come ! Come-te a ti mesmo, oh ! gelatina pasma !
Oh ! *purée* de batatas morais !
Oh ! cabelos nas ventas ! oh ! carecas !
Odio aos temperamentos regulares !

Odio aos relógios musculares! Morte e infâmia !
Odio á soma! Odio aos secos e molhados !
Odio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais !
De mãos nas costas ! Marco eu o compasso ! Eia !
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante!

Odio e insulto! Odio e raiva! Odio e mais ódio!
Morte ao burguês de giôlhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Odio vermelho! Odio fecundo! Odio cíclico !
Odio fundamento, sem perdão!

Fora! Fú! Fora o bom burguês !...



TRISTURA

«Une rose dans les ténèbres»

MALLARMÉ

Profundo. Imundo meu coração...

Olha o edifício: Matadouros da Continental.

Os vícios viciaram-me na bajulação sem sacrifícios...

Minha alma corcunda como a avenida São João...

E dizem que os polichinelos são alegres !

Eu nunca em guisos nos meus interiores arlequinais !...

Paulicea, minha noiva... Ha matrimónios assim...

Ninguém os assistirá nos jamais !

As permanências de ser um na febre!

Nunca nos encontrámos...

Mas ha *rendez-vous* na meia-noite do Armenonville...

E tivemos uma filha, uma só...

Batismos do snr. cura Bruma;

agua-benta das garôas monótonas...

Registei-a no cartório da Consolação...

Chamei-a Solitude das Plebes...

Pobres cabelos cortados da nossa monja !

DOMINGO

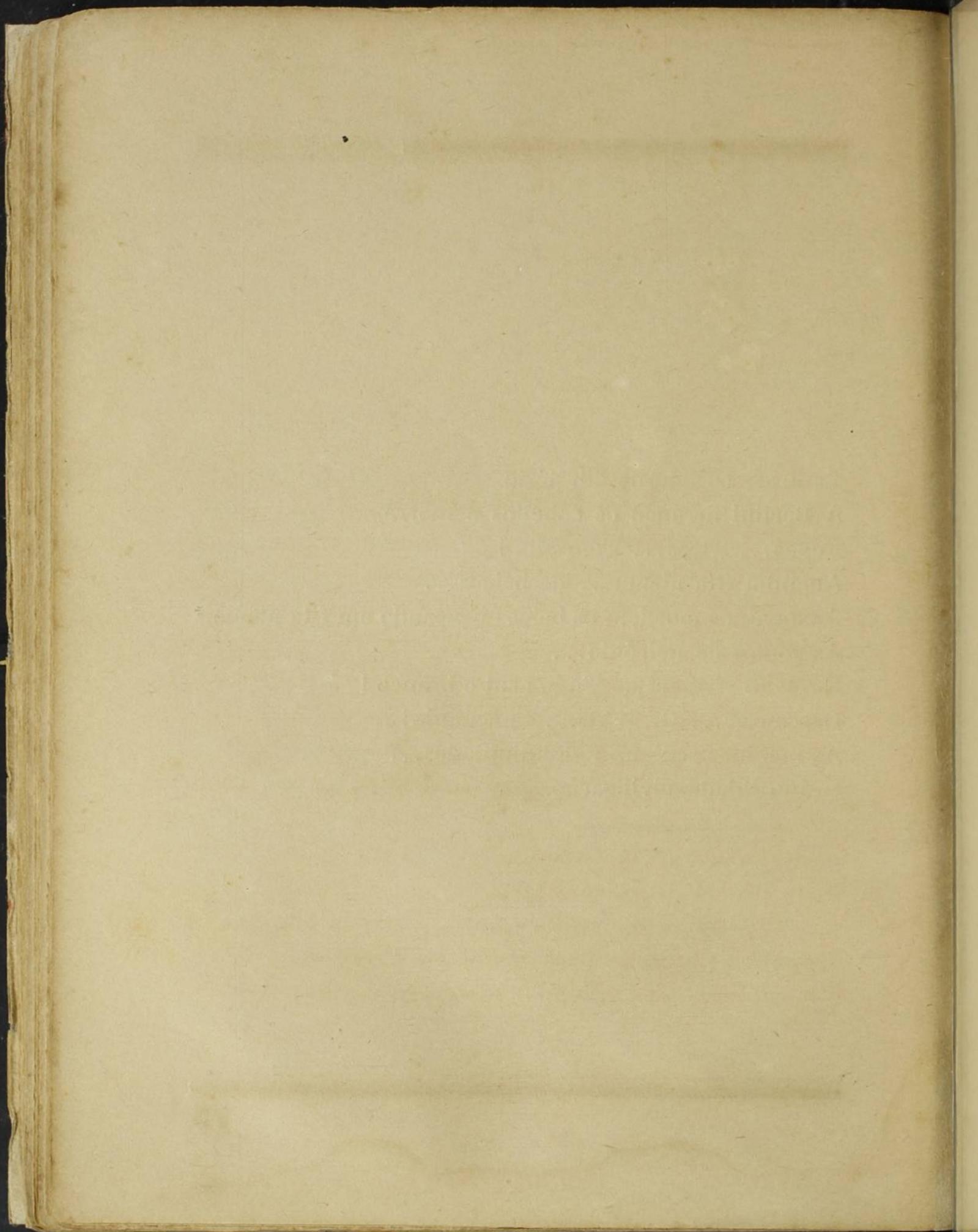
Missas de chegar tarde, em rendas,
e dos olhares acrobáticos...
Tantos telégrafos sem fio!
Santa Cecília regorgita de corpos lavados
e de sacrilégios picturais...
Mas Jesus Cristo nos desertos,
mas o sacerdote no "Confiteor"... Contrastar!
— Futilidade, civilização...

Hoje quem joga?... O Paulistano.
Para o Jardim América das rosas e dos ponta-pés!

Friedenreich fez goal! Corner! Que juiz!
Gostar de Bianco? Adoro. Qual Bartô...
E o meu xará maravilhoso!...
— Futilidade, civilização...

Mornamente em gazolinas... Trinta e cinco contos!
Tens dez milreis? vamos ao curso...
E filar cigarros a quinzena inteira...
Ir ao curso é lei. Viste Marília?
E Filis? Que vestido: pele só!
Automóveis fechados... Figuras imóveis...
O bocejo do luxo... Entêrro.
E também as famílias dominicais por atacado,
entre os convenientes perenemente...
— Futilidade, civilização.

Central. Drama de adultério.
A Bertini arranca os cabellos e morre.
Fugas... Tiros... Tom Mix !
Amanhã fita alemã... de beijos...
As meninas mordem os beijos pensando em fita alemã...
As romas de Petrónio...
E o leito virginal... Tudo azul e branco !
Descansar... Os anjos... Imaculado!
As meninas sonham masculinidades...
— Futilidade, civilização.



O DOMADOR

Alturas da Avenida. Bonde 3.

Asfaltos. Vastos, altos repuxos de poeira
sob o arlequinal do céu oiro-rosa-verde...

As sujidades implexas do urbanismo.

Filets de manuelino. Calvicies de Pensilvânia.

Gritos de goticismo.

Na frente o *tram* da irrigação,

onde um Sol bruxo se dispersa

num triunfo persa de esmeraldas, topásios e rubís...

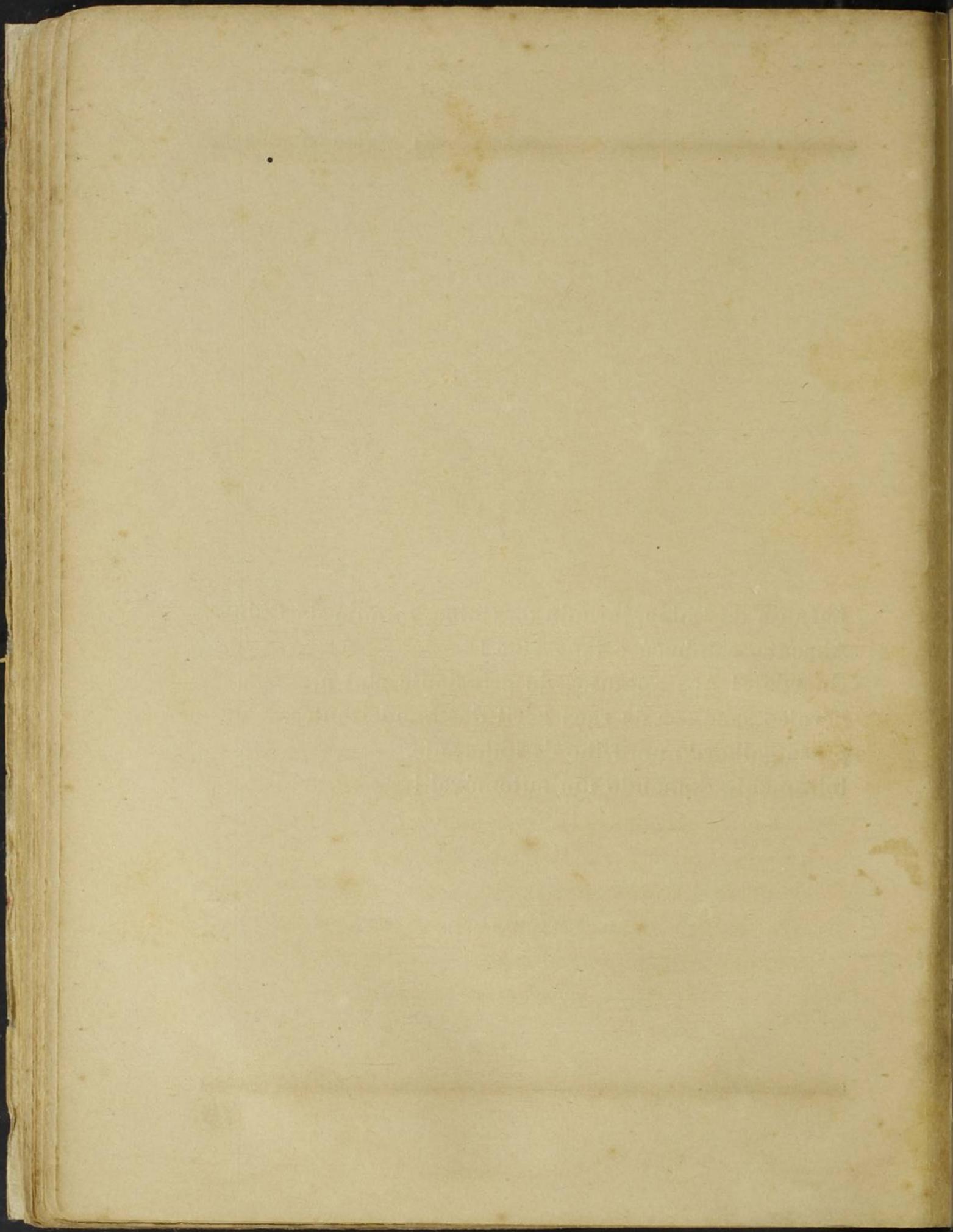
Lânguidos boticellis a ler Henry Bordeaux

nas clausuras sem dragões dos torreões...

Mario, paga os duzentos réis.
São cinco no banco: um branco,
um noite, um oiro,
um cinzento de tísica e Mario...
Solicitudes ! Solicitudes !

Mas... olhai, oh meus olhos saudosos dos ontens
êsse espetáculo encantado da Avenida !
Revivei, oh gaúchos paulistas ancestramente !
e oh cavalos de cólera sanguínea !

Laranja da China, laranja da China, laranja da China !
Abacate, cambucá e tangerina !
Guardate! Aos aplausos do esfusiante clown,
heroico sucessor da raça heril dos bandeirantes,
passa galhardo um filho de imigrante,
loiramente domando um automóvel !



ANHANGABAÚ

Parques do Anhangabaú nos fogaréus da aurora...
Oh larguezas dos meus itinerários !...
Estátuas de bronze nú correndo eternamente,
num parado desdem pelas velocidades...
O carvalho votivo escondido nos orgulhos
do bicho de mármore parido no *Salon*...
Prurido de estesias perfumando em rosais
o esqueleto trémulo do morcego...
Nada de poesia, nada de alegrias !...

E o contraste boçal do lavrador
que sem amor afia a foice...

Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris,
onde as tuas águas, onde as máguas dos teus sapos ?

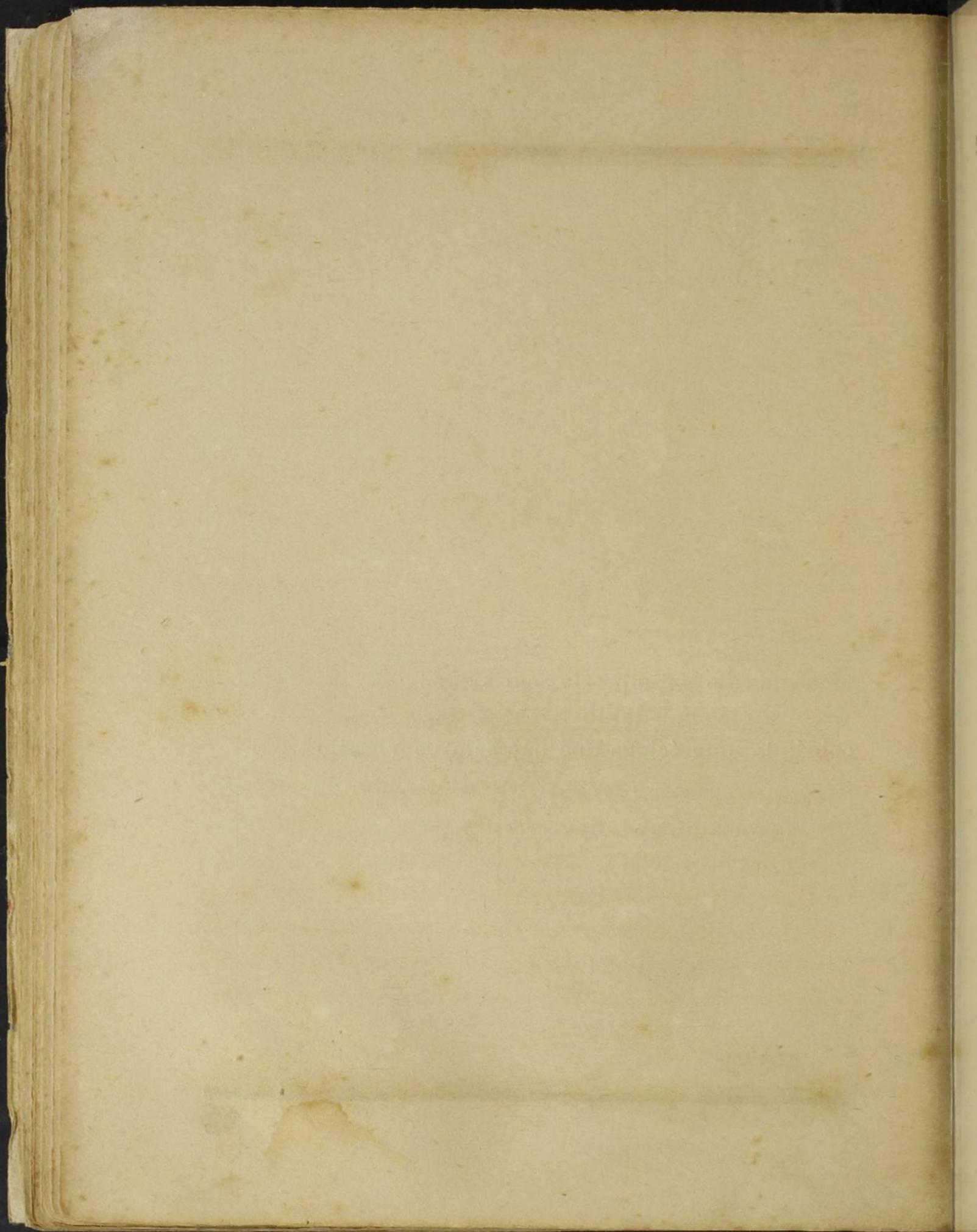
«Meu pai foi rei !

— Foi. — Não foi. — Foi. — Não foi.»

Onde as tuas bananeiras ?

Onde o teu rio frio encanecido pelos nevociros,
contando histórias aos sacis ?...

Meu querido palimpsesto sem valor !
Crónica em mau latim
cobrindo uma égloga que não seja de Virgílio !...



A CAÇADA

A bruma neva... Clamor de victórias e dolos...
Monte São Bernardo sem cães para os alvíssimos !
Cataclismos de heroismos... O vento gela...
Os cinismos plantando o estandarte;
enviando para todo o universo
novas cartas-de-Vaz-Caminha !...
Os Abéis quási todos muito ruins
a escalar, em lama, a glória...
Cospe os fardos !

Mas sobre a turba adejam os cartazes de “Papel e
[Tinta”
como grandes mariposas de sonho queimando-se na
[luz...

E o maxixe do crime puladinho
na eternização dos tres dias... Tripudiales gaios !...
Roubar... Vencer... Viver os respeitamentos no cre-
[púsculo...

A velhice e a riqueza têm as mesmas cans.
A engrenagem trepida... A bruma neva...
Uma síncope: a sereia da policia
que vai prender um bêbedo no Piques...

Não ha mais lugares no boa-vista triangular.
Formigueiro onde todos se mordem e devoram...
O vento gela... Fermentação de ódios egoismos
para a caninha-do-O' dos progredires...

Viva virgem vaga desamparada...
Malfadada ! Em breve não será mais virgem
nem desamparada !
Terá o amparo de todos os desamparos !

Tossem: O Diário ! A Platea...
Lívidos doze-anos por um tostão
Tambem quero ler o aniversário dos reis...
Honra ao mérito ! Os virtuosos hão-de sempre ser lou-
[vados

e retratificados...

Mais um crime na Moóca !

Os jornais estampam as aparências

dos grandes que fazem anos, dos criminosos que fazem
[danos...

Os quarenta-graus das riquezas ! O vento gela...

Abandonos ! Ideais palidos !

Perdidos os poetas, os moços, os loucos !

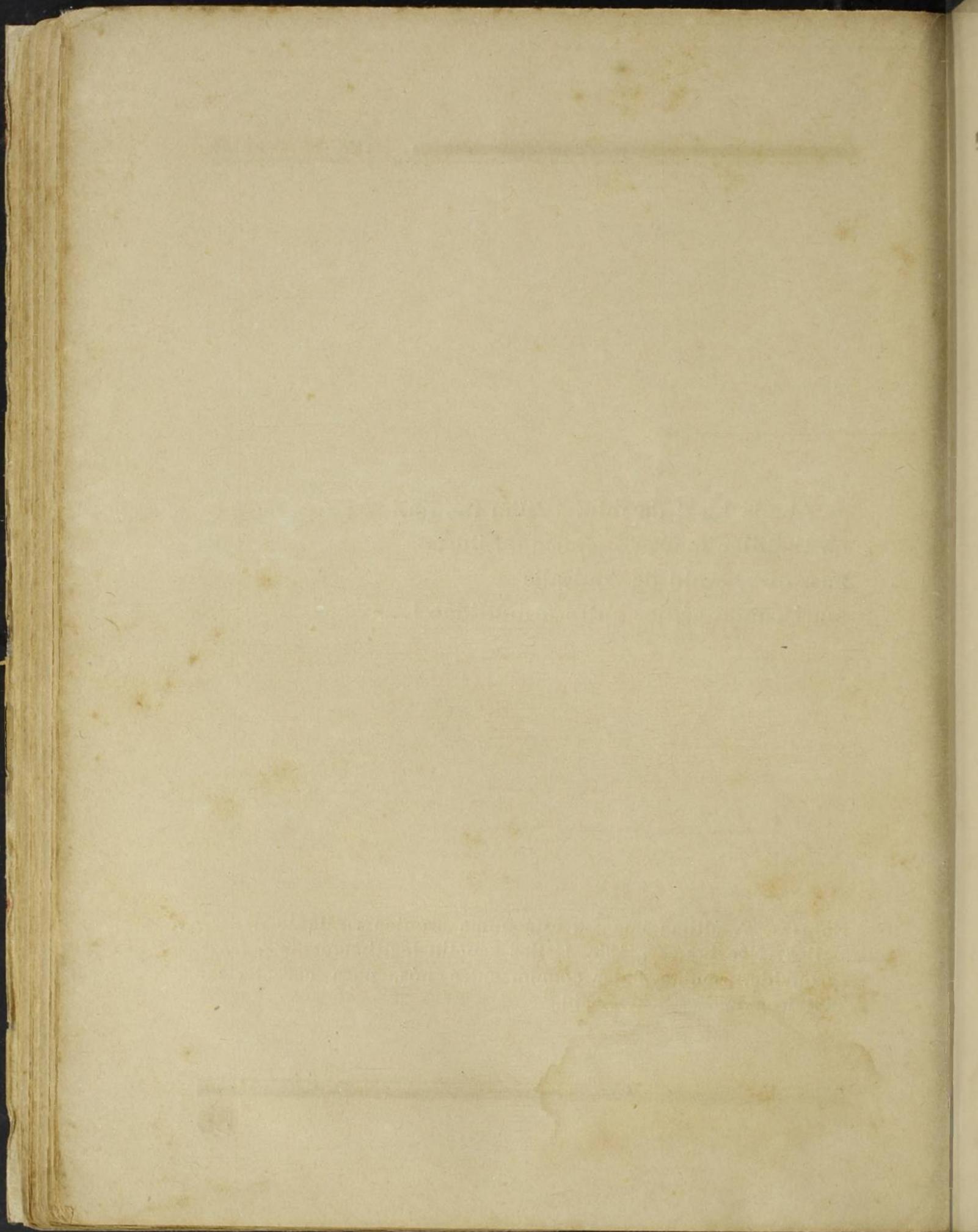
Nada de asas ! nada de poesia ! nada de alegria !

A bruma neva... Arlequinal !

Mas viva o Ideal ! God save the poetry !

— Abade Liszt da minha filha monja,
na Cadillac mansa e glauca da ilusão,
passa o Oswald de Andrade
mariscando génios entre a multidão !...

Nota: — A última imagem está numa crónica rutilante de Helios. Não houve plágio. Helios repetiu legitimamente a frase já ouvida, e então lugar comum entre nós, para caracterizar deliciosa mania do Oswald.



NOCTURNO

Luzes do Cambucí pelas noites de crime...
Calor !... E as nuvens baixas muito grossas,
feitas de corpos de mariposas,
rumorejando na epiderme das árvores...

Gingam os bondes como um fôgo de artifício,
sapateando nos trilhos,
cuspindo um orifício na treva cor de cal...

Num perfume de heliotrópios e de pôças
gira uma flor-do-mal... Veio do Turquestan;
e traz olheiras que escurecem almas...
Fundiu esterlinas entre as unhas roxas
nos oscilantes de Ribeirão Preto...

— Batat'assat'ô furnn !...

Luzes do Cambucí pelas noites de crime !...
Calor... E as nuvens baixas muito grossas,
feitas de corpos de mariposas,
rumorejando na epiderme das árvores...

Um mulato cor de oiro,
com uma cabeleira feita de alianças polidas...
Violão ! «Quando eu morrer...» Um cheiro pesado de
[baunilhas
oscila, tomba e rola no chão...
Ondula no ar a nostalgia das Baías...

E os bondes passam como um fogo de artifício,
sapateando nos trilhos,
ferindo um orifício na treva cor de cal...

— Batat'assat'ô furnn !...

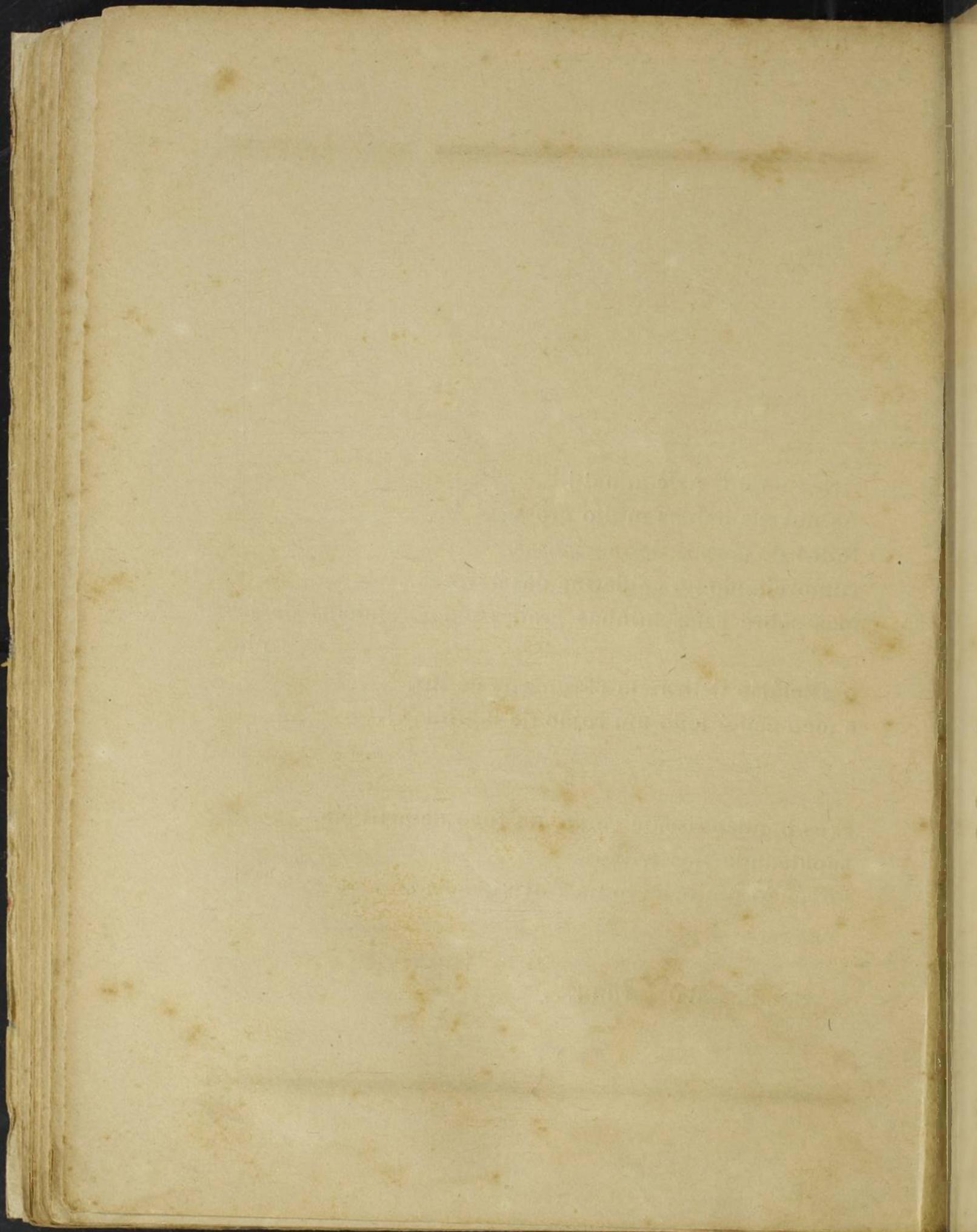
Calor !... Os diabos andam no ar
corpos de nuas carregando...
As lassitudes dos sempre imprevistos !
e as almas acordando ás mãos dos enlaçados !
Idílios sob os plátanos !...
E o ciume universal ás fanfarras gloriosas
de saias cor de rosa e gravatas cor de rosa !...

Balcões na cautela latejante, onde florem Iracemas
para os encontros dos guerreiros brancos... Brancos ?
E que os cães latam nos jardins !
Ninguém, ninguém, ninguém se importa !
Todos embarcam na Alameda dos Beijos da Aventura !
Mas eu... Estas minhas grades em girândolas de jasmins,
enquanto as travessas do Cambucí nos livres
da liberdade dos lábios entreabertos !...

Arlequinal ! Arlequinal !
As nuvens baixas muito grossas,
feitas de corpos de mariposas,
rumorejando na epiderme das árvores...
Mas sôbre estas minhas grades em girândolas de jas-
[mins,
o estelário delira em carnagens de luz,
e meu céu é todo um rojão de lágrimas !...

E os bondes riscam como um fogo de artifício,
sapateando nos trilhos,
jorrando um orifício na treva cor de cal...

— Batat'assat'ô furnn !...



PAISAGEM N. 2

Escuridão dum meio-dia de invernia...
Marasmos... Estremeções... Brancos...
O céu é toda uma batalha convencional de *confetti*
[brancos;
e as onças pardas das montanhas no longe...
Oh ! para alem vivem as primaveras eternas !

As casas adormecidas
parecem teatrais gestos dum explorador do polo
que o gêlo parou no frio...

Lá para as bandas do Ipiranga as oficinas tosem...
Todos os estiolados são muito brancos.
Os invernos de Paulicea são como entêrros de virgem...
Italianinha, torna al tuo paese !

Lembras-te ? As barcarolas dos céus azúis nas aguas
[verdes...

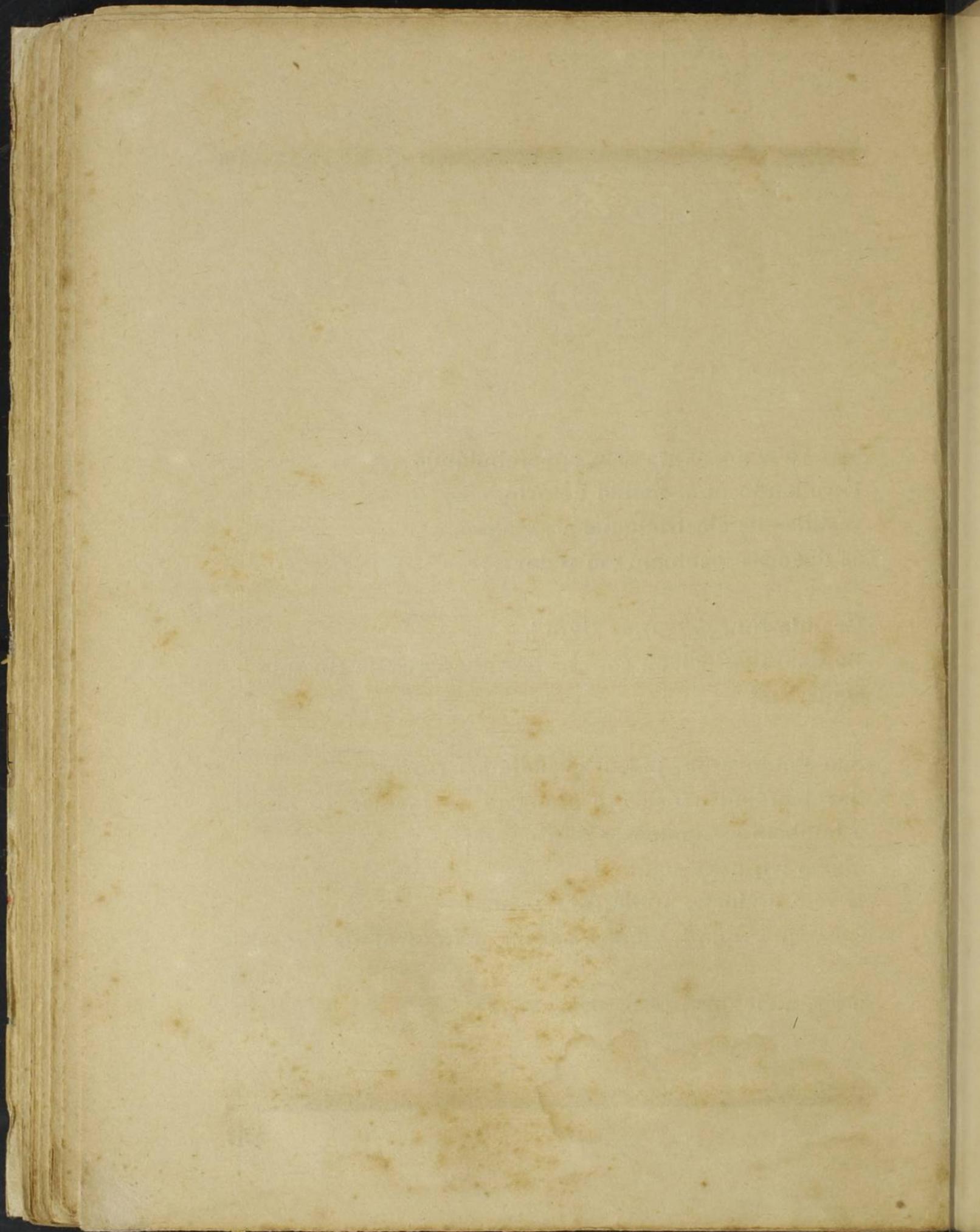
Verde — cor dos olhos dos loucos !
As cascatas das violetas para os lagos...
Primaveral — cor dos olhos dos loucos !

Deus recortou a alma de Paulicea
num cor de cinza sem odor...
Oh ! para alem vivem as primaveras eternas !...

Mas os homens passam sonambulando...
E rodando num bando nefário,
vestidas de electricidade e gasolina,
as doenças jocotoam em redor...

Grande funcção ao ar livre !
Bailado de Cocteau com os barulhadores de Russolo !
Opus 1921.

São Paulo é um palco de bailados russos.
Sarabandam a tísica, a ambição, as invejas, os crimes
e tambem as apoteoses da ilusão...
Mas o Nijinsky sou eu !
E vem a Morte, minha Karsavina !
Quá, quá, quá ! Vamos dansar o fox-trot da desespe-
[rança,
a rir, a rir dos nossos desiguais !



TU

Morrente chama esgalga,
mais morta inda no espírito !
Espírito de fidalga,
que vive dum bocejo entre dois galanteios
e de longe em longe uma chávena da treva bem forte !

Mulher mais longa
que os pasmos alucinados
das tôrres de São Bento !
Mulher feita de asfalto e de lamas de várzea,
toda insultos nos olhos,
toda convites nessa boca louca de rubores !

Costureirinha de São Paulo,
italo-franco-luso-brasilico-saxónica,
gosto dos teus ardores crepusculares,
crepusculares e por isso mais ardentes,
bandeirantemente !

Lady Macbeth feita de névoa fina,
pura neblina da manhã !
Mulher que és minha madrasta e minha irmã !
Trituração ascencional dos meus sentidos !
Risco de aeroplano entre Mogi e Paris !
Pura neblina da manhã !

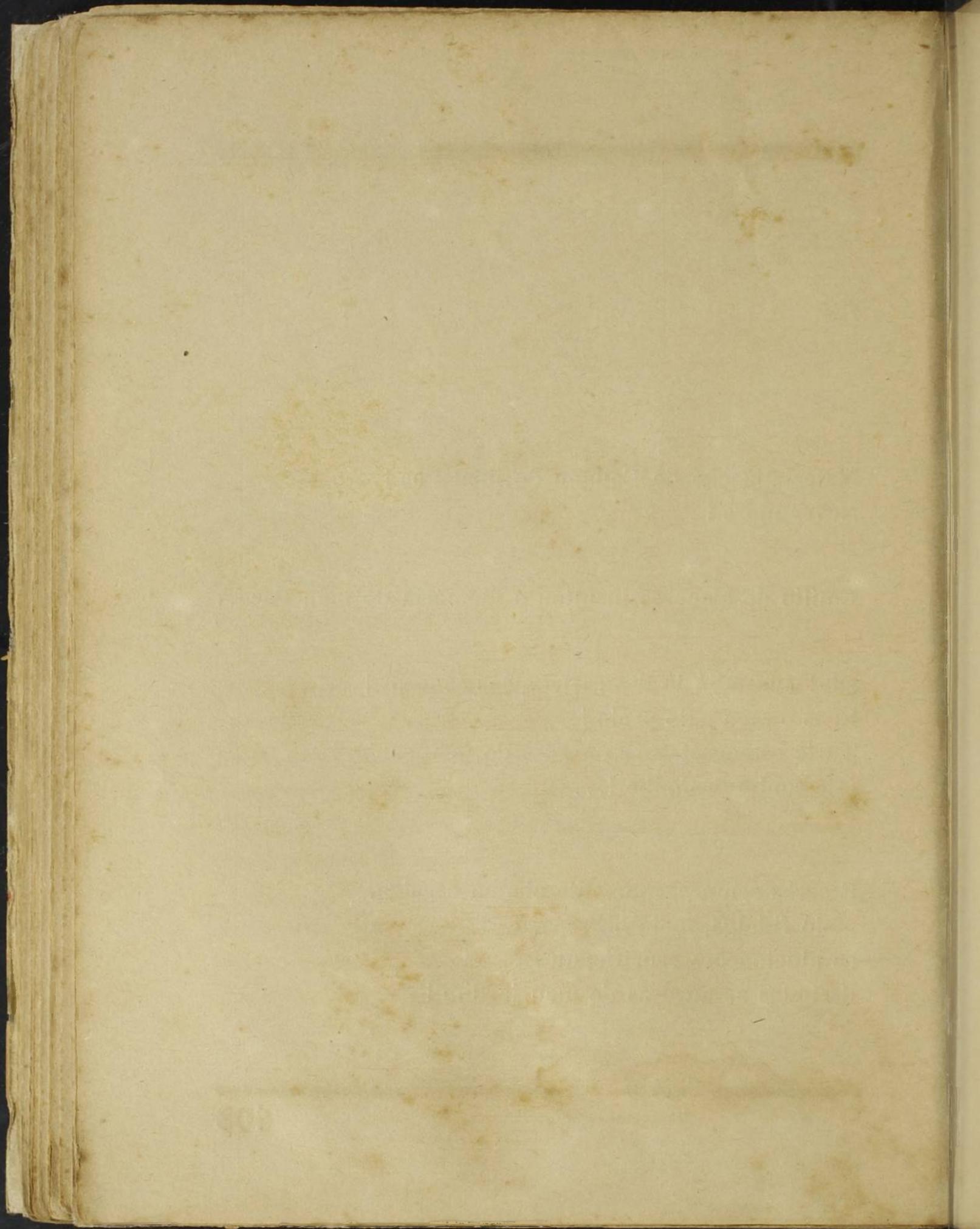
Gosto dos teus desejos de crime turco
e das tuas ambições retorcidas como roubos !
Amo-te de pesadelos taciturnos,

Materialização da Canaan do meu Poe !
Never more !

Emílio de Menezes insultou a memória do meu Poe...

Oh ! Incendiária dos meus alens sonoros !
tu és o meu gato preto !
Tu te esmagaste nas paredes do meu sonho !
êste sonho medonho !...

E seràs sempre, morrente chama esgalga,
meio fidalga, meio barregã,
as alucinações crucificantes
de todas as auroras de meu jardim !



PAISAGEM N. 3

Chove ?

Sorri uma garôa cor de cinza,

muito triste, como um tristemente longo...

A casa Kosmos não tem impermeáveis em liquidação...

Mas neste largo do Arouche

posso abrir o meu guarda-chuva paradoxal,

êste lírico plátano de rendas mar...

Ali em frente... — Mário, põe a máscara !

— Tens razão, minha Loucura, tens razão.

O rei de Tule jogou a taça ao mar...

Os homens passam encharcados...
Os reflexos dos vultos curtos
mancham o *petit-pavé*...
As rôlas da Normal
esvoaçam entre os dedos da garôa...
(E si pusesse um verso de Crisfal
No De Profundis ?...)
De repente
um ráio de Sol arisco
risca o chuveiro ao meio.

COLLOQUE SENTIMENTAL

Tenho os pés chagados nos espinhos das calçadas...
Higienópolis !... As Babilónias dos meus desejos baixos...
Casas nobres de estilo... Enriqueceres em tragédias...
Mas a noite é toda um véu-de-noiva ao luar !

A preamar dos brilhos das mansões...
O jazz-band da cor... O arco-íris dos perfumes...
O clamor dos cofres abarrotados de vidas...
Ombros nús, ombros nús, lábios pesados de adultério...
E o *rouge* — cogumelo das podridões...
Exércitos de casacas eruditamente bem talhadas...

Sem crimes, sem roubos o carnaval dos títulos...
Si não fosse o talco adeus sacos de farinha!
Impiedosamente...

— Cavalheiro... — Sou conde! — Perdão.
Sabe que existe um Braz, um Bom Retiro?

— Apre! respiro... Pensei que era pedido.
Só conheço Paris!

— Venha comigo então.
Esqueça um pouco os braços da vizinha...

— Percebeu, hein! Dou-lhe gorgeta e cale-se.
O sultão tem dez mil... Mas eu sou conde!

— Vê ? Estas paragens trevas de silêncio...
Nada de asas, nada de alegria... A Lua...

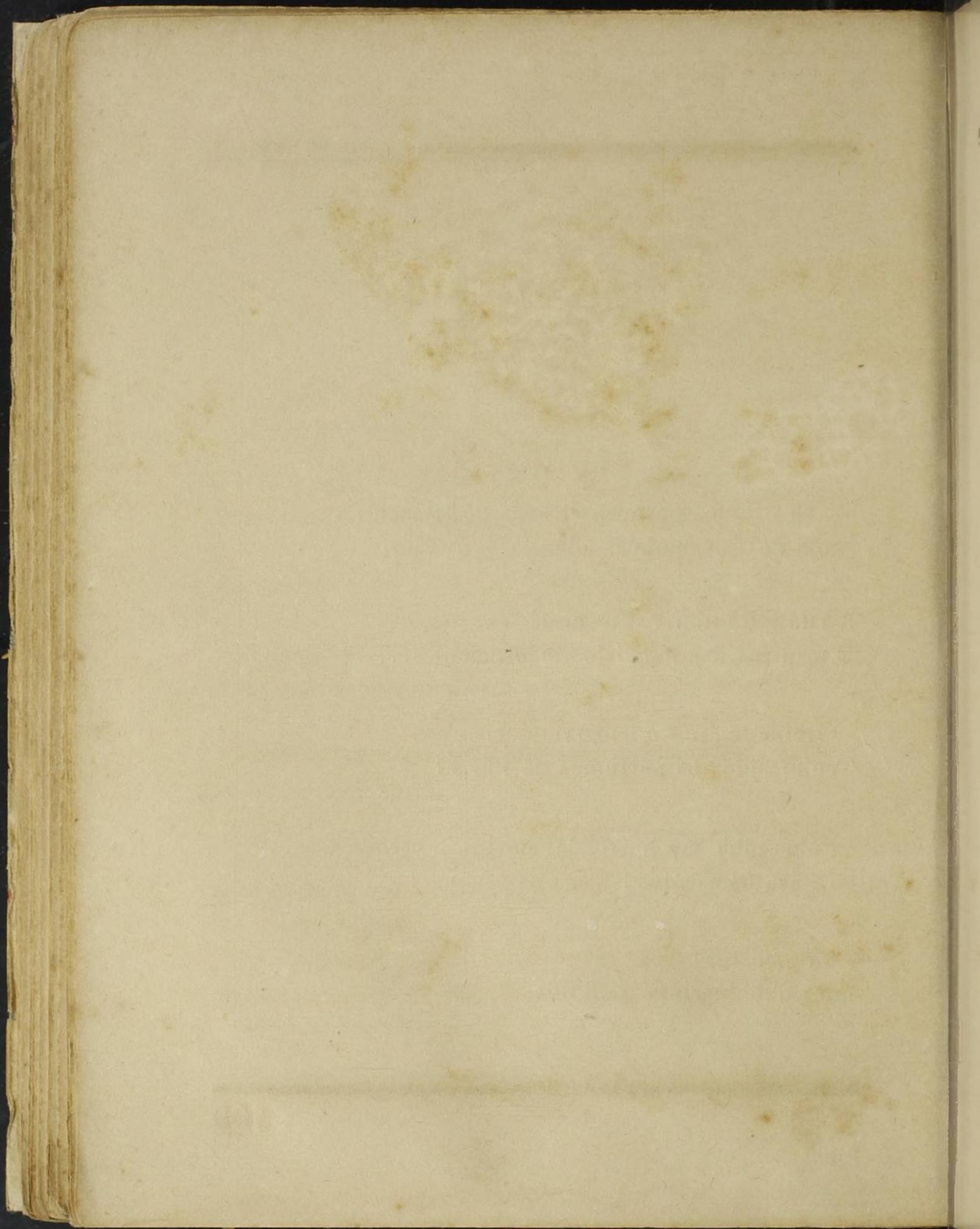
A rua toda nua... As casas sem luzes...
E a mirra dos martírios inconscientes...

— Deixe-me por o lenço no nariz.
Tenho todos os perfumes de Paris !

— Mas olhe, em baixo das portas, a escorrer...

— Para os esgôtos ! Para os esgôtos !

— a escorrer
um fio de lágrimas sem nome !...



RELIGIÃO

Deus ! creio em Ti ! Creio na tua Bíblia !

Não que a explicasse eu mesmo,
porquê a recebi das mãos dos que viveram as ilumina-
[ções !

Catolicismo ! sem pinturas de Calixto !... As humil-
[dades !...

No pôço das minhas erronias
vi que reluzia a Lua dos teu perdoares !...

Rio-me dos Luteros parasitais
e dos orgulhos soezes que não sabem ser orgulhos da
[Verdade;
e os mações, que são pecados vivos,
e que nem sabem ser Pecado !

Oh ! minhas culpas e meus tresvarios !
E as nobilitações dos meus arrependimentos
chovendo para a fecundação das Palestinas !
Confessar !...
Nocturno em sangue do Jardim das Oliveiras !...

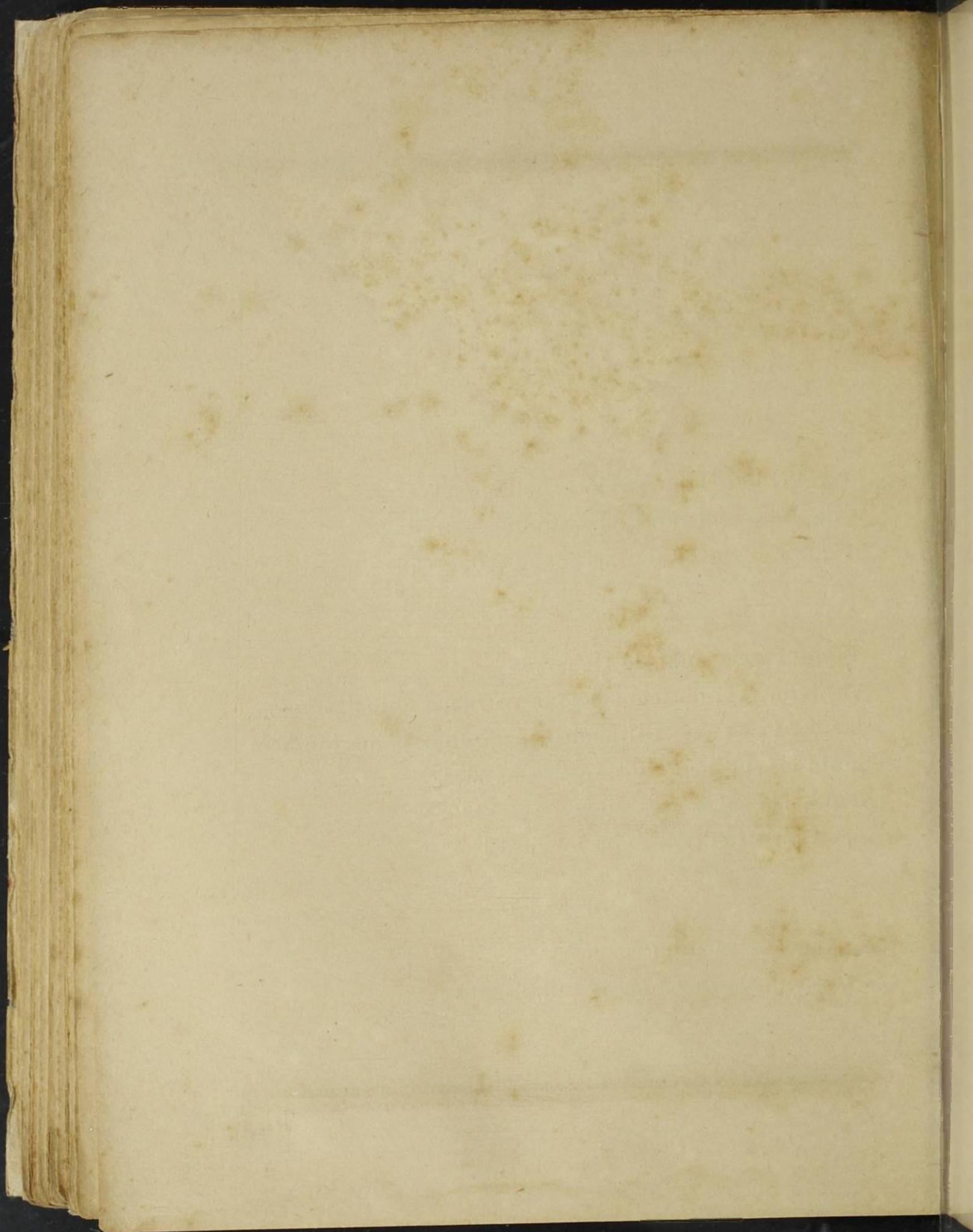
Naves de Santa Ifigénia,
os meus joelhos criaram escudos de defesa contra vós !
Cantai como me arrastei por vós !
Dizei como me debrucei sobre vós !

Mas dos longínquos veio o Redentor !
E no pôço sem fundo das minhas erronias
vi que reluzia a Lua dos seus perdoares !...

«Santa Maria, mãe de Deus...»

A minha mãe-da-terra é toda os meus entusiasmos:
dar-lhe-ia os meus dinheiros e minhas mãos também !
Santa Maria dos olhos verdes, verdes,
venho depositar aos vossos pés verdes
a corôa de luz da minha loucura !

Alcançai para mim
a Hospedaria dos Jamais Iluminados !



PAISAGEM N. 4

Os caminhões rodando, as carroças rodando,
rápidas as ruas se desenrolando,
rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos...
E o largo côro de ouro das sacas de café !...

Na confluência o grito inglês da São Paulo Railway...
Mas as ventaneiras da desilusão ! a baixa do café !...
As quebras, as ameaças, as audácias superfinas !...
Fogem os fazendeiros para o lar !... Cincinato Braga !...
Muito ao longe o Brasil com seus braços cruzados...
Oh ! as indiferenças maternais !...

Os caminhões rodando, as carroças rodando,
rápidas as ruas se desenrolando,
rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos...
E o largo côro de ouro das sacas de café !...

Lutar !

A victoria de todos os sôzinhos !...

As bandeiras e os clarins dos armazens abarrotados...

Hostilizar !... Mas as ventaneiras dos braços cruzados !...

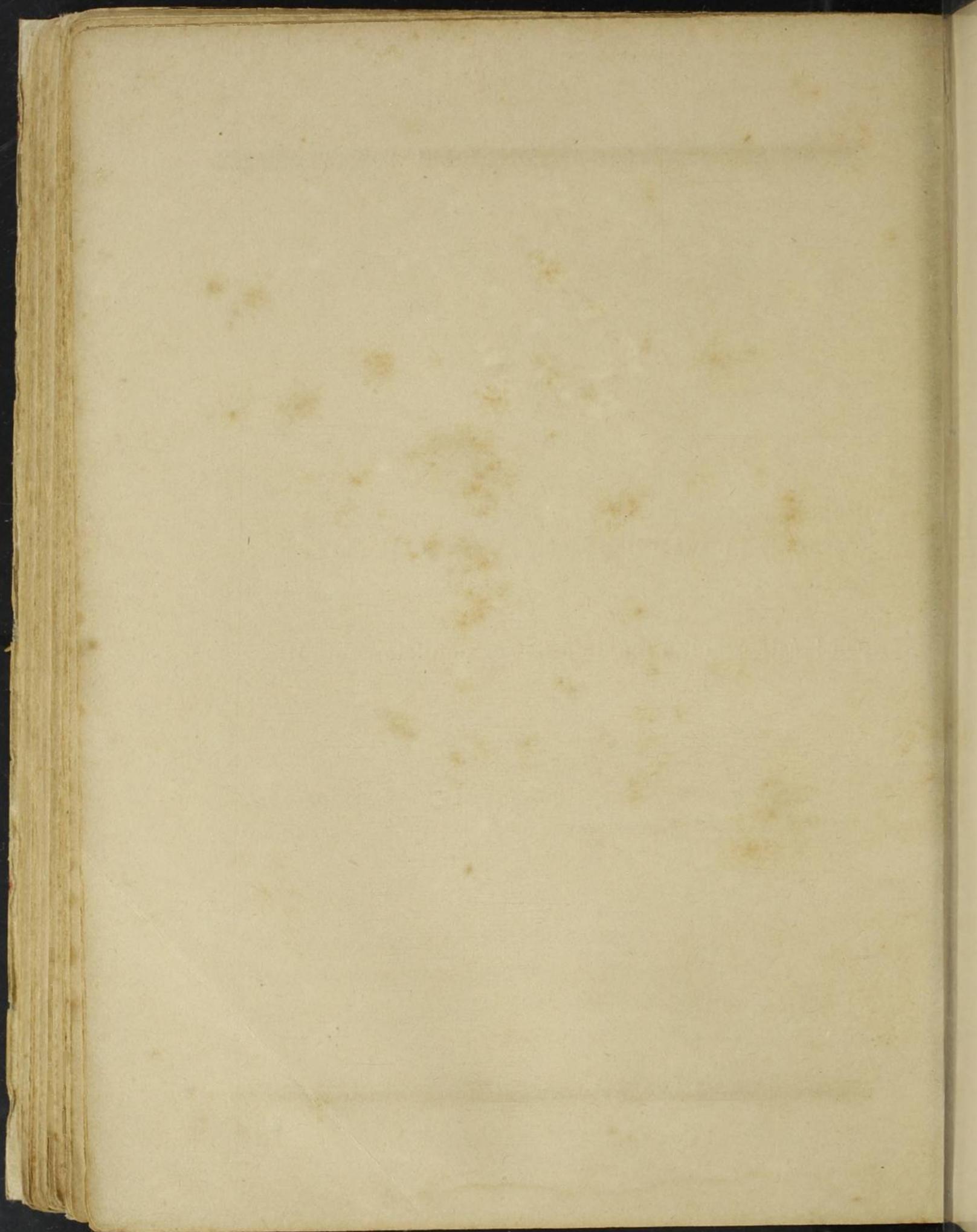
E a coroação com os próprios dedos !

Mutismos presidenciais, para trás !

Ponhamos os (Victória !) colares de prêsas inimigas !

Enguirlandemo-nos de café-cereja !
Taratá ! e o pean de escárnio para o mundo !

Oh ! êste orgulho máximo de ser paulistamente !!!



AS ENFIBRATURAS DO IPIRANGA

(Oratório profano)

«O, woe is me
To have seen what I have seen, see what I see!»

SHAKESPEARE

DISTRIBUIÇÃO DAS VOZES :

OS ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS — (escritores e demais artifices elogiáveis) — Largo, imponente côro afinadissimo de sopranos, contraltos, baritonos, baixos.

AS SENECTUDES TREMULINAS — (milionários e burguezes) — Côro de sopranistas.

OS SANDAPILÁRIOS INDIFERENTES — (operariado, gente pobre) — Barítonos e baixos.

AS JUVENILIDADES AURIVERDES — (nós) — Tenores, sempre tenores ! Que o diga Walter von Stolzing !

MINHA LOUCURA — Soprano ligeiro. Solista.

Acompanhamento de orquestra e banda.

Local de execução : A esplanada do Teatro Municipal. Banda e orquestra colocadas no terraplano que tomba sobre os jardins. São perto de cinco mil instrumentistas dirigidos por maestros... vindos do estrangeiro. Quando a solista canta ha silêncio orchestral — salvo nos casos propositadamente mencionados. E, mesmo assim, os instrumentos que então resoam, fazem-no a contragosto dos maestros. Nos coros dos ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS a banda junta-se á orquestra. E' um *tutti* formidando.

Quando cantam as JUVENILIDADES AURIVERDES (ha naturalmente falta de ensaios) muitos instrumentos silenciam. Alguns desafinam. Outros partem as cordas. Só aguentam o *rubato* lancinante violinos, flautas, clarins, a bateria e mais borés e maracás.

Os ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS estão nas janelas e terraços do Teatro Municipal. As SENECTUDES TREMULINAS disseminaram-se pelas sacadas do Automóvel Clube, da Prefeitura, da Rôtisserie, da Tipografia Weisflog, do Hotel Carlton e mesmo da Livraria Alves, ao longe. Os SANDAPILÁRIOS

INDIFERENTES berram do Viaducto do Chá. Mas as JUVENILIDADES AURIVERDES estão em baixo, nos parques do Anhangabaú, com os pés enterrados no solo, MINHA LOUCURA no meio dêles.

Na Aurora do Novo Dia

PRELÚDIO

As caixas anunciam a arraiada. Todos os 550.000 cantores concertam apressadamente as gargantas e tomam fôlego com exagêro; enquanto os borés, as trompas, o organ, cada timbre por sua vez, entre largos silêncios reflexivos, enunciam, sem desenvolvimento, nem harmonização o tema: "Utilius est sæpe et securius quod homo non habeat multas consolationes in hâc vitâ."

E começa o oratório profano, que teve por nome
AS ENFIBRATURAS DO IPIRANGA

AS JUVENILIDADES AURIVERDES

(pianfssimo)

Nós somos as Juvenilidades Auriverdes !
As franjadas flâmulas das bananeiras,
as esmeraldas das araras,
os rubis dos colibris,
os lirismos dos sabiás e das jandaias,
os abacaxis, as mangas, os cajús
almejam localizar-se triunfantemente,
na fremente celebração do Universal !...
Nós somos as Juvenilidades Auriverdes !
As fôrças vivas do torrão natal,
as ignorâncias iluminadas,
os novos sóis luscofuscolares
entre os sublimes das dedicações !...
Todos para a fraterna música do Universal !
Nós somos as Juvenilidades Auriverdes !

OS SANDAPILÁRIOS INDIFERENTES
(num estampido preto)

Vá de rumor ! Vá de rumor !
Esta gente não nos deixa mais dormir !
Antes «E lucevan le stelle» de Puccini !
Oh ! pé de anjo, pé de anjo !
Fóra ! Fóra o que é de despertar !

(a orquestra num crescendo
cromático de contrabaixos
anuncia...)

OS ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS

Somos os Orientalismos Convencionais !
Os alicerces não devem cair mais !
Nada de subidas ou de verticais !
Amamos as chatezas horisontais !
Abatemos perobas de ramos desiguais !
Odiamos as matinadas arlequinais !
Viva a Limpêsa Pública e os hábitos morais !
Somos os Orientalismos Convencionais !

Deve haver Von Iherings para todos os tatús !
Deve haver Vitais Brasis para os urutús !
Mesmo pêso de feijão em todos os tutús !
Só é nobre o passo dos jabirús !
Ha estilos consagrados para Pacaembús !
Que os nossos antepassados foram homens de truz !
Não lhe bastam velas ? Para que mais luz !

Temos nossos coros só no tom de dó !
Para os desafinados doutrina de cipó !
Usamos capas de seda, é só escovar o pó !
Diariamente á mesa temos mocotó !
Per omnia sæcula sæculorum moinhos terão mó !
Annualmente de sobrecasaca, não de paletó,
vamos visitar o esqueleto de nossa grande Avó !
Gloria aos Iguais ! Um é todos ! Todos são um só !
Somos os Orientalismos Convencionais !

AS JUVENILIDADES AURIVERDES

(perturbadas com o fábordão,
recomeçam mais alto, incertas)

Magia das alvoradas entre magnólias e rosas...
Apêlos do estelário visível aos alguens...
— Pão de Icaros sobre a toalha extática do azul !
Os tuins esperanças das nossas ilusões !
Suaviloquências entre as deliquescências
dos sáfaros, aos raios do maior solar !...
Sobracemos as muralhas ! Investe com os cardos !
Rasga-te nos acúleos ! Tomba sobre o chão !
Hão-de vir valquírias para os olhos-fechados !
Anda ! Não pares nunca ! Aliena o duvidar
e as vasciações perpetuamente !

AS SENECTUDES TREMULINAS

(tempo de minuete)

Quem são êstes homens ?
Maidores menores
Como é bom ser rico !
Maidores menores

Das nossas poltronas
Majores menores
olhamos as estátuas
Majores menores
do signor Ximenes
— o grande escultor !

Só admiramos os célebres
e os recomendados também !
Quem tem galeria
terá um Bouguereau !
Assinar o Lírico ?
Elegância de preceito !
Mas que paulificância
Majores menores
o Tristão e Isolda !
Majores menores

Preferimos os coros
dos Orientalis —
mos Convencionais !
Depois os sanchismos

(Ai ! gentes, que bom !)
da alta madrugada
no largo do Paissandú !

Alargar as ruas...
E as Instituições ?
Não pode ! Não pode !
Maiores menores
Mas não ha quem diga
Maiores menores
quem são êstes homens
que cantam do chão ?

(a orchestra súbito emudece, depois
duma grande gargalhada de
timbales)

MINHA LOUCURA

(recitativo e balada)

Dramas da luz do luar no segrêdo das frestas
perquirindo as escuridões...
A traição das mordanças !
E a paixão oriental dissolvida no mel !...

Estas marés da espuma branca
e a onipotência intransponível dos rochedos !
Intransponivelmente ! Oh !...

A minha voz tem dedos muito claros
que vão roçar nos lábios do Senhor;
mas as minhas tranças muito negras
emaranharam-se nas raizes do jacarandá...

Os cérebros das cascatas marulhantes
e o benefício das manhãs serenas do Brasil !

(grandes glissandos de harpas)

Estas nuvens da tempestade branca
e os telhados que não deixam a chuva batisar !
Propositadamente ! Oh !...

Os meus olhos têm beijos muito verdes
que vão cair ás plantas do Senhor;
mas as minhas mãos muito trémulas
apoiaram-se nas faldas do Cubatão...

Os cérebros das cascatas marulhantes
e o benefício das manhãs solenes do Brasil !

(notas longas de trompas)

Estas espigas da colheita branca
e os escalrachos roubando a uberdade !
Enredadamente ! Oh !...
Os meus joelhos têm quedas muito crentes
que vão bater no peito do Senhor ;
mas os meus suspiros muito louros
entreteceram-se com a rama dos cafèzais...

Os cérebros das cascatas marulhantes
e o beneficio das manhãs gloriosas do Brasil !

(harpas, trompas, orgão)

AS SENECTUDES TREMULINAS

(iniciando uma gavota)

Quem é essa mulher !
E' louca, mas louca
pois anda no chão !

AS JUVENILIDADES AURIVERDES

(num crescendo fantástico)

Odios, invejas, infelicidades !...
Crenças sem Deus ! Patriotismos diplomáticos !
Cegar !
Desvalorização das lágrimas lustrais !
Nós não queremos mascaradas ! E ainda menos
cordões "Flor-do-Abacate" das superfluidades !
Os tumultos da luz !... As lições dos maiores !...
E a integralização da vida no Universal !
As estradas correndo todas para o mesmo final !...
E a patria simples, una, intangivelmente
partindo para a celebração do Universal !
Ventem nossos desvarios fervorosos !
Fulgurem nossos pensamentos dadivosos !
Clangorem nossas palavras proféticas
na grande profecia virginal !
Somos as Juventudes Auriverdes !
A passiflora ! o espanto ! a loucura ! o desejo !
Cravos ! mais cravos para nossa cruz !

OS ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS

(Tutti. O crescendo é resolvido
numa solene marcha fúnebre)

Para que cravos ? Para que cruzes ?
Submetei-vos á metrificação !
A verdadeira luz está nas corporações !
Aos maiores: serrote; aos menores: o salto...
E a glorificação das nossas ovações !

AS JUVENILIDADES AURIVERDES

(num clamor)

Somos as Juventudes Auriverdes !
A passiflora ! o espanto ! a loucura ! o desejo !
Cravos ! mais cravos para nossa cruz !

OS ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS

(a tempo)

Para que cravos ? Para que cruzes ?
Submetei-vos á poda !
Para que as artes vivam e revivam

use-se o regime do quartel !
E' a riqueza ! O nosso anel de matrimónio !
E as fecundidades regulares, reflectidas...
E os perenementes da ligação mensal...

AS SENECTUDES TREMULINAS
(aos miados de flautim impotente)

Bravíssimo ! Bem dito ! Sai azar !
Os perenementes da ligação anual !

AS JUVENILIDADES AURIVERDES
(berrando)

Somos as Juventudes Auriverdes !
A passiflora ! o espanto ! a loucura ! o desejo !
Cravos ! mais cravos para nossa cruz !

OS ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS
(da capo)

Para que cravos ? Para que cruces ?
Universalizai-vos no senso comum !

Senti sentimentos de vossos pais e avós !
Para as almas sempre torresmos cerebrais !
E a sesta na rede pelos meios-dias !
Acordar ás seis; deitar ás vinte e meia;
e o banho semanal com sabão de cinza,
limpando da terra, calmando as erupções...
E a dignificação bocejal do mundo sem estações !...
Primavera, inverno, verão, outono...
Para que estações ?

AS JUVENILIDADES AURIVERDES
(já vociferantes)

Cães ! Piores que cães !
Somos as Juvenilidades Auriverdes !
Vós, burros ! malditos ! cães ! piores que cães !

OS ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS

(sempre marcha fúnebre, cada vez
mais forte porém)

Para que burros ? Para que cães ?
Produtividades regulares. Vivam as maleitas !

Intermitências de polegadas certas !
Nas architecturas renascença gálica;
na música Verdi; na escultura Fidias;
Corot na pintura; nos versos Leconte;
na prosa Macedo, D'Annunzio e Bourget !
E na vida enfim, eternamente eterna,
concertos de meia á luz do lampeão,
valsas de Godard no piano alemão,
marido, mulher, as filhas, o noivo...

AS JUVENILIDADES AURIVERDES

(numa grita descompassada)

Malditos ! Boçais ! Cães ! Piores que cães !
Somos as Juvenilidades Auriverdes !
A passiflora !... Vós, malditos ! boçais !

OS ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS

(f f f)

...o curso aos domingos, o chá no Trianon...
E ascidades, ascidades,

ascidades, ascidades,
e milcidades... (1)

AS JUVENILIDADES AURIVERDES

(ffff)

Seus bôrras ! Seus bêbedos ! Infames ! Malditos !
A plassiflora ! o espanto ! a loucura ! o d...

OS ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS

(fffff)

...e as perpetuidades
das celebridades das nossas vaidades;
das antiguidades ás actualidades,
ao fim das idades sem desigualdades
quem ha-de...

(1) Aqui o leitor, si for partidário dos ORIENTALISMOS, porá nomes de escritores paulistas que aprecia, si das JUVENILIDADES, os que detesta. Exemplo com meu próprio nome : E as mariocidades. Não existe esse sufixo : quero assim para bater melhor o ritmo.

AS JUVENILIDADES AURIVERDES

(loucos, sublimes, tombando
exaustos)

Seus!!!

(A maior palavra feia que o leitor conhecer.)

Nos somos as Juvenilidades Auriverdes !

A passiflora ! o espanto !... a loucura ! o desejo !...

Cravos !... Mais cravos... para... a nossa...

Silêncio. Os ORIENTALISMOS CONVENCIONAIS, bem
como as SENECTUDES TREMULINAS e os
SANDAPILÁRIOS INDIFERENTES fugiram e esconderam-se,
tapando os ouvidos á grande, á maxima VERDADE. A
orquestra evaporou-se, espavorida. Os *maestri*
succumbiram. Caiu a noite, aliás; e na solidão da
noite das mil estrêlas as JUVENILIDADES AURIVERDES,
tombadas no solo, chorando, chorando o
arrependimento do tresvario final.)

MINHA LOUCURA

(suavemente entoa a cantiga de
adormentar)

Chorai ! Chorai ! Depois dormi !

Venham os descansos veludosos

vestir os vossos membros !... Descansai !
Ponde os lábios na terra ! Ponde os olhos na terra !
Vossos beijos finais, vossas lágrimas primeiras
para a branca fecundação !
Espalhai vossas almas sobre o verde !
Guardai nos mantos de sombra dos manacás
os vossos vagalumes interiores !
Inda serão um Sol nos oiros do amanhã !
Chorai ! Chorai ! Depois dormi !

A mansa noite com seus dedos estelares
fechará nossas pálpebras...
As vésperas do azul !...
As melhores vozes para vosso adormentar !
Mas o Cruzeiro do Sul e a saudade dos martírios...
Ondular do vai-vem ! Embalar do vai-vem !
Para a restauração o vinho dos nocturnos !...
Mas em vinte anos se abrirão as searas !
Virão os setembros das floradas virginais !
Virão os dezembros do Sol pojando os gránulos !
Virão os fevereiros do café-cereja !
Virão os marços das maturações !

Virão os abris dos preparativos festivos !
E nos vinte anos se abrirão as searas !
E virão os maios ! E virão os maios !
Rezas de Maria... Bimbalhadas... Os votivos...
As preces subidas... As graças vertidas...
Tereis a cultura da recordação !
Que o Cruzeiro do Sul e a saudade dos martírios
platem-se na tumba da noite em que sonhais...
Importa ?!... Digo-vos eu nos mansos
oh ! Juvenilidades Auriverdes, meus irmãos:
Chorai ! Chorai ! Depois dormi !
Venham os descansos veludosos
vestir os vossos membros !... Descansai !

Diuturnamente cantareis e tombareis.
As rosas... As borboletas... Os orvalhos...
O todo-dia dos imolados sem razão...
Fechai vossos peitos !
Que a noite venha depor seus cabelos alens
nas feridas de ardor dos cutilados !
E enfim no luto em luz, (Chorai !)
das praias sem borrascas, (Chorai !)

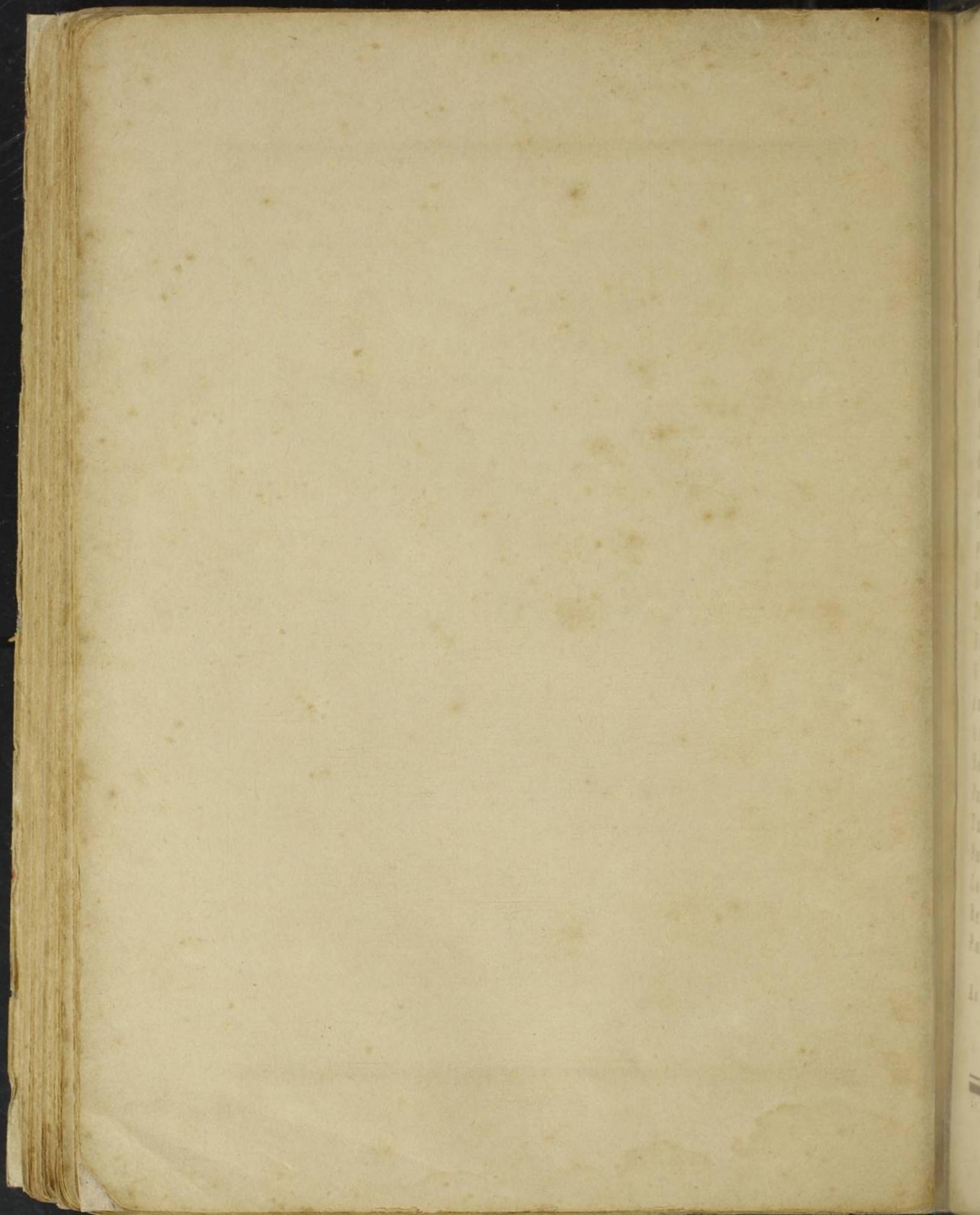
das florestas sem traições de guaranis
(Depois dormi !)
que vós sepulte a Paz Invulnerável !
Venham os descansos veludosos
vestir os vossos membros... Descansai !
(quasi a sorrir, dormindo)
Eu... os desertos... os Cains... a maldição...

(As JUVENILIDADES AURIVERDES e MINHA LOUCURA
adormecem eternamente surdos; enquanto das
janelas de palácios, teatros, tipografias, hotéis —
escancaradas, mas cegas — cresce uma enorme
váia de assovios, zurros, patadas.)

F I M

LAUS DEO !

INDICE



<i>Dedicatória</i>	5
<i>Prefacio Interessantissimo</i> . . . 7 a	39
<i>Inspiração</i>	43
<i>O Trovador</i>	45
<i>Os Cortejos</i>	47
<i>A Escalada</i>	49
<i>Rua de São Bento</i>	53
<i>O Rebanho</i>	57
<i>Tiê t ê</i>	61
<i>Paisagem n. 1</i>	63
<i>Ode ao Burguês</i>	67
<i>Tristura</i>	71
<i>Domingo</i>	73
<i>O Domador</i>	77
<i>Anhangabaú</i>	81
<i>A Caçada</i>	85
<i>Nocturno</i>	91
<i>Paisagem n. 2</i>	97
<i>Tu</i>	101
<i>Paisagem n. 3</i>	105
<i>Colloque Sentimental</i>	107
<i>Religião</i>	111
<i>Paisagem n. 4</i>	115
<i>As Enfibraturas do Ipiranga</i> . . 119 a	140

61 - 67 - 91

*Acabou a impressão deste livro,
nas officinas da CASA MAYENÇA,
Editora,
à rua Sto. Antonio n.º 9,
na Capital de S. Paulo,
aos 21 de Julho do anno de 1922,
100.º da Independencia do Brasil.*

